

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO AMAPÁ
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS E INGLÊS
CAMPUS MACAPÁ

LARISSA DA SILVA NASCIMENTO SIQUEIRA
LOURDYLENE MARIA DA LUZ SILVA

**LAPBOOK COMO FERRAMENTA DIDÁTICA AOS ALUNOS COM TEA VISANDO
A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA**

MACAPÁ
2023

LARISSA DA SILVA NASCIMENTO SIQUEIRA
LOURDYLENE MARIA DA LUZ SILVA

**LAPBOOK COMO FERRAMENTA DIDÁTICA AOS ALUNOS COM TEA VISANDO
A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
apresentado ao Instituto Federal do Amapá como
requisito para obtenção do título de Licenciatura em
Letras – Português e Inglês.
Orientador: Dr. Bruno Sérvulo da Silva Matos.
Coorientadora: Ma. Suany Rodrigues da Cunha.

MACAPÁ
2023

Biblioteca Institucional - IFAP
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S618l Siqueira, Larissa da Silva Nascimento

Lapbook como ferramenta didática aos alunos com TEA visando a aprendizagem significativa. / Larissa da Silva Nascimento Siqueira, Lourdylene Maria da Luz Silva. - Macapá, 2023.

79 f.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá, Campus Macapá, Curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês, 2023.

Orientador: Bruno Sérvulo da Silva Matos. Coorientadora: Suany Rodrigues da Cunha.

1. Lapbook. 2. Autismo. 3. Aprendizagem Significativa.
I. Silva, Lourdylene Maria da Luz. I. Matos, Bruno Sérvulo da Silva, orient. II. Cunha, Suany Rodrigues da, coorient. III. Título.

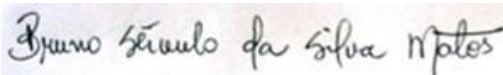
Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica do IFAP com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

LARISSA DA SILVA NASCIMENTO SIQUEIRA
LOURDYLENE MARIA DA LUZ SILVA

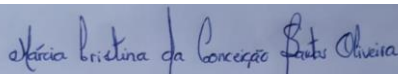
**LAPBOOK COMO FERRAMENTA DIDÁTICA AOS ALUNOS COM TEA VISANDO
A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
apresentado ao Instituto Federal do Amapá como
requisito para obtenção do título de Licenciatura em
Letras – Português e Inglês.
Orientador: Dr. Bruno Sérvulo da Silva Matos.
Coorientadora: Ma. Suany Rodrigues da Cunha.

BANCA EXAMINADORA



Dr. Bruno Sérvulo da Silva Matos (Orientador)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá



Ma. Márcia Cristina da Conceição Santos Oliveira
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá



Esp. Vandicleia Brito Machado de Souza
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá

Apresentado em: 05/12/2023.

Conceito/Nota: 100

A Deus, fonte inesgotável de sabedoria e guia constante em nossa jornada acadêmica. Ao nossos pais, exemplo de apoio e perseverança.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelas nossas vidas e por nos ajudar a ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo do curso.

A nossa família e amigos, pelo apoio e incentivo constante.

Aos professores, em especial a nossa coorientadora pelas correções e ensinamentos que nos permitiram apresentar um melhor desempenho no processo de formação profissional.

A todas as pessoas que contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho.

RESUMO

O “Lapbook” é um livro interativo caracterizado como uma ferramenta didática que pode ser construído em diversos formatos e figuras, inserindo mini livros, envelopes, bolsos e outros elementos interativos, que permitem a organização e a apresentação de informações de forma criativa, sendo uma ferramenta benevolente para alunos com autismo, pois oferece uma abordagem visual e tátil para a aprendizagem, além do estímulo sensorial, incrementar nas habilidades de comunicação, fortalecer a organização e concentração. O objetivo geral foi propor a construção e aplicabilidade da ferramenta didática *Lapbook* sobre gênero textual conto de fadas “João e Maria” com alunos com TEA visando a aprendizagem significativa. A pesquisa foi realizada através de pesquisa participante com abordagem qualitativa. Teve como participantes da pesquisa dois alunos com TEA e duas professoras, sendo uma do ensino regular e a outra do Atendimento Educacional Especializado (AEE). Como instrumentos para coleta de dados, foram realizadas entrevistas e execução do *lapbook* acerca do conteúdo. Os resultados da pesquisa apontaram que, o uso do *lapbook* influencia positivamente para o ensino e aprendizagem de maneira significativa para os alunos com autismo, visto que, oferece uma abordagem multissensorial, apresenta as informações de forma visual e organizada facilitando a compreensão, além de oportunizar aos alunos a expressão de sua criatividade em um ensino que valoriza suas habilidades e proporcione uma verdadeira equidade na educação.

Palavras-chave: aprendizagem significativa; lapbook; autismo; ferramenta didática.

ABSTRACT

The "Lapbook" is an interactive book characterized as a teaching tool that can be constructed in different formats and figures, inserting mini books, envelopes, pockets and other interactive elements, which allow the organization and presentation of information in a creative way, being a benevolent tool for students with autism, as it offers a visual and tactile approach to learning, in addition to sensory stimulation, increasing communication skills, strengthening organization and concentration. The general objective was to propose the construction and applicability of the Lapbook teaching tool on the fairy tale textual genre "Hansel and Gretel" with students with ASD aiming for meaningful learning. The research was carried out through participatory research with a qualitative approach. The research participants were two students with ASD and two teachers, one from regular education and the other from Specialized Educational Services (AEE). As instruments for data collection, interviews were carried out and a lapbook was created about the content. The research results showed that the use of the lapbook positively influences teaching and learning in a significant way for students with autism, as it offers a multisensory approach, presents information in a visual and organized way, facilitating understanding, in addition to providing opportunities students the opportunity to express their creativity in teaching that values their skills and provides true equity in education.

Keywords: meaningful learning; lapbook; autism; teaching tool.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - <i>Lapbook</i> como conjunto de elementos	28
Figura 2 – Etapas do processo	33
Figura 3 – Parte externa e interna do <i>lapbook</i> criado pelas pesquisadoras	42
Figura 4 – Elementos interativos do <i>lapbook</i>	42
Figura 5 – Aluno a explorando o <i>lapbook</i> criado pelas professoras	43
Figura 6 – Professoras lendo o conto em conjunto com o aluno A	44
Figura 7 – Pesquisadores auxiliando o aluno A	45
Figura 8 – Estudante personalizando o seu <i>lapbook</i>	46
Figura 9 – Professora explicando a atividade 1	46
Figura 10 – Aluno a realizando a atividade e resultado	47
Figura 11 – Aluno a produzindo a atividade 2	48
Figura 12 – luno realizando a terceira atividade e resultado	49
Figura 13 – Aluno a desenvolvendo a atividade 4	50
Figura 14 – Continuação do conto criado pelo aluno	50
Figura 15 – Aluno a criando o mapa conceitual	51
Figura 16 – Mapa conceitual criado pelo aluno A	52
Figura 17 – Resultado final do <i>lapbook</i> criado pelo aluno A	53
Figura 18 – Pesquisadoras, professora do aee e o aluno no final da aplicação	53
Figura 19 – Aluno b interagindo com o <i>lapbook</i> das professoras	54
Figura 20 – Professoras lendo o conto junto com o aluno B	55
Figura 21 – Aluno b criando o seu <i>lapbook</i>	55
Figura 22 – Aluno b realizando a primeira atividade e seu resultado	56
Figura 23 – Aluno b realizando a atividade e resultado	57
Figura 24 – Terceira atividade realizada pelo aluno B	57
Figura 25 – Última atividade produzida pelo aluno B	58
Figura 26 – Mapa mental do aluno B	59
Figura 27 – <i>Lapbook</i> final do aluno B	59
Figura 28 – Professora de português observando o <i>lapbook</i> dos alunos	63
Figura 29 – Professora analisando o <i>lapbook</i> dos alunos	65

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Níveis de gravidade para o transtorno do espectro autista	19
Tabela 2 – Entrevista com a professora de língua portuguesa	35
Tabela 3 – Entrevista com a professora do AEE sobre o aluno A	37
Tabela 4 – Entrevista com a professora do AEE sobre o aluno B	39
Tabela 5 – Entrevista com a professora de língua portuguesa	62
Tabela 6 – Entrevista final com a professora do AEE	65

LISTA DE SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
TEA	Transtorno do Espectro Autista
MEC	Ministério da Educação
DSM	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos mentais
APA	American Psychiatric Association
AEE	Atendimento Educacional Especializado
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
TDAH	Transtorno do Déficit de Atenção
TGD	Transtorno Global do Desenvolvimento
BNCC	Base Nacional Comum Curricular

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	CONCEITUAÇÃO E CARACTERÍSTICAS DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)	15
2.1	Principais características	15
3	PROFESSOR DA SALA DE AULA REGULAR COMO MEDIADOR NA UTILIZAÇÃO DE FERRAMENTAS DIDÁTICAS PARA O ENSINO DO ALUNO COM TEA	20
3.1	Professor do AEE e sua função dele na escola	20
3.2	Estratégias didática para atuação com o aluno com TEA	23
4	CONCEITUAÇÃO DO <i>LAPBOOK</i>	25
4.1	<i>Lapbook</i> e a aprendizagem significativa	25
4.2	<i>Lapbooks</i> : Construção, Prática e avaliação	28
4.2.1	O gênero textual contos de fadas	30
5	METODOLOGIA	32
5.1	Local da pesquisa	32
5.2	Participantes da pesquisa e breve levantamento histórico dos alunos	32
5.3	Instrumentos de coleta de dados	33
6	RESULTADOS E DISCUSSÕES	35
6.1	Análise e discussão da entrevista com a professora de Língua Portuguesa	35
6.2	Análise e discussão da entrevista com a professora do AEE	37
6.3	Análise e discussão da entrevista com o aluno A e B	41
6.4	Análise e discussão da aplicação do <i>Lapbook</i>	41
6.5	Análise e discussão da entrevista final com a professora de Língua Portuguesa sobre a aplicação do <i>Lapbook</i> .	61
6.6	Análise e discussão da entrevista final com a professora do Atendimento Educacional Especializado sobre a aplicação do <i>lapbook</i>	64
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
	REFERÊNCIAS	70
	APÊNDICE	72

1 INTRODUÇÃO

Historicamente, na sociedade brasileira, a educação inclusiva vem buscando romper uma estrutura excludente e segregadora e, portanto, garantir a equidade para todos. Nesse contexto, o desenvolvimento de estudantes com autismo e o respeito às diferenças é a finalidade de um ensino reflexivo e inclusivo.

O Transtorno do Espectro Autistas (TEA) é definido como um transtorno do neurodesenvolvimento de causas multifatoriais. Por ser um espectro, cada indivíduo poderá ser classificado conforme o grau de dependência e/ou necessidade de suporte, podendo assim ser considerado o nível 1: leve, nível 2: moderado e nível 3: severo, que necessitam ser respeitados e reconhecidos dentro de um mundo plural onde a maior riqueza é a diversidade. (Apa, 2014).

Partindo desse viés, o professor contempla um papel primordial de mediação e inclusão de ferramentas didáticas e acessíveis, que proporcione um ensino pautado no aluno e na evolução de suas habilidades, pois sua inserção dentro do ambiente escolar é assegurado pela Lei federal 12.764/12, que institui a Política de Proteção dos Direitos das Pessoas com Transtorno do Espectro Autista, garantindo sua matrícula na rede regular de ensino, entretanto, apenas a permanência dos alunos na escola não caracteriza uma inclusão efetiva, pois para que as práticas educativas sejam satisfatórias, a escola precisa contemplar um ensino onde as particularidades dos aprendizes sejam atendidas (Brasil, 2012).

Assim sendo, o presente trabalho propõe-se em compreender se a construção e aplicabilidade da ferramenta didática *Lapbook*, através do gênero textual contos de fadas, por meio do desenvolvimento dos alunos com TEA, promove uma aprendizagem significativa que posicione o estudante como um ser ativo na articulação da construção de sentidos de sua aprendizagem.

A proposta aqui apresentada vai ao encontro da Teoria da Aprendizagem significativa de Ausubel, acerca da obtenção da aprendizagem por recepção significativa, na qual propõe a aquisição de novos significados a partir de material aprendido previamente, exigindo assim uma apresentação de material potencialmente significativo para o aprendiz. (Ausubel, 1978). Tal prerrogativa é determinante para o desenvolvimento da prática pedagógica, especialmente ao aluno com TEA, no qual é fundamental o docente promover a valorização dos conhecimentos prévios, adaptá-lo

às suas preferências e características pessoais para o desenvolvimento por meio de materiais que viabilizem esse processo de significação e aprendizagem.

Destarte, acreditamos na potencialidade dessa ferramenta que visa a participação no desenvolvimento ativo e significativo do aprendizado para alunos com TEA. Assim como, a motivação para os professores da rede regular de ensino buscarem meios inclusivos de promover a evolução das habilidades dos alunos e a valorização dos princípios concebidos ao longo da vida dos aprendizes e os adquiridos no âmbito escolar, oportunizando seu protagonismo na construção do saber.

Apresenta o seguinte problema de pesquisa: Como a ferramenta didática *Lapbook* através gênero textual conto de fadas “João e Maria” pode potencializar a aprendizagem significativa?

Tem por objetivo geral propor a construção e aplicabilidade da ferramenta didática *Lapbook* sobre gênero textual conto de fadas “João e Maria”, com alunos com TEA, visando a aprendizagem significativa. Como objetivos específicos 1) Identificar as características dos alunos no desenvolvimento pedagógico na disciplina de Língua Portuguesa e no AEE; 2) Identificar o perfil dos alunos com TEA; 3) Desenvolver a adaptação do conteúdo gênero textual conto de fadas “João e Maria” para a ferramenta didática *Lapbook*; 4) Construção e aplicabilidade da ferramenta didática *Lapbook* pelos alunos com TEA.

A monografia apresenta sete capítulos com abordagens distintas em torno do tema. O primeiro capítulo apresenta como “Introdução” a contextualização inicial da temática, sua relevância, apresentação do problema, objetivos e as respectivas questões que norteiam esta pesquisa.

O segundo capítulo, intitulado de “conceituação e características do transtorno do espectro autista (TEA)” consiste em um breve contexto histórico, promovendo uma análise mais detalhada relacionada ao transtorno.

No terceiro capítulo, será abordado “professor da sala de aula regular como mediador na utilização de ferramentas didáticas para o ensino do aluno com TEA” trazendo uma contextualização do papel do professor como mediador em sala de aula, a partir das ferramentas didáticas, enfatizando o *Lapbook* no processo de ensino e aprendizagem do aluno com TEA.

No quarto capítulo, é exposto “Conceituação do *Lapbook*” que corresponde ao levantamento histórico da ferramenta didática utilizada para o ensino.

Já o quinto capítulo, traz como título “metodologia” e destina-se ao suporte metodológico aplicado durante o desenvolvimento do trabalho, evidenciando o tipo de pesquisa, os instrumentos de coletas de dados, o local e sujeitos da pesquisa, e como foram coletados os dados para aplicação e desenvolvimento da pesquisa proposta neste estudo.

O sexto capítulo, corresponde a “Resultado e discussões”. Descreve os resultados envolvendo todos os dados durante a pesquisa e apresenta as discussões analisadas que foram obtidas por meio de entrevistas, aplicabilidade e construção do *Lapbook*, situada em uma Escola Estadual, na zona norte de Macapá. E por último, consta as “Considerações Finais.”

2 CONCEITUAÇÃO E CARACTERÍSTICAS DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

2.1 Principais características

Para incluir o aluno autista no ambiente escolar, torna-se indispensável conhecer e aprender sobre os principais pontos que norteiam o TEA. Partindo desse pressuposto, segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos mentais DSM-5 - o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é definido como um transtorno do neurodesenvolvimento de causas multifatoriais, que podem ser percebidos na primeira infância.

Para Camargo e Bosa (2009, p.65) a caracterização do autismo se dá pela “presença de um desenvolvimento acentuado atípico na interação social e comunicação, assim como pelo repertório marcadamente restrito de atividades e interesses.”

Sob o mesmo ponto de vista, para Silva (2012, p.6) o TEA “é um transtorno global do desenvolvimento infantil que se manifesta antes dos 3 anos de idade e se prolonga por toda a vida”. Ainda, segundo a autora, são caracterizados por “sintomas que afetam as áreas da socialização, comunicação e do comportamento, e, dentre elas, a mais comprometida é a interação social”. O que não significa a incapacidade de desenvolvimento, produção e atuação ativa em uma sociedade diversa que caiba dentro de um universo singular, pois o autismo foi por muito tempo um termo utilizado para denominar pessoas isoladas e incapazes de conviver em sociedade.

Hodiernamente, busca-se mitigar a exclusão de tais estereótipos presentes. À vista disso, a autora frisa a simplicidade de compreender o transtorno se permitirmos “nos colocar no lugar do outro, a buscar a essência mais pura do ser humano e a resgatar a nobreza de realmente conviver com as diferenças. E talvez seja esse o maior dos nossos desafios: aceitar o diferente e ter a chance de aprender com ele”. (SILVA; GAIATO; REVELES, 2012, p.6).

Legalmente, os direitos das pessoas com TEA são assegurados pela Lei Berenice Piana 12.764/2012 que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, garantindo ainda mais a qualidade e presença na educação, saúde, mercado de trabalho e assistência social. Elementos esses, básicos e de suma importância para a qualidade de vida de cada indivíduo.

Indivíduos com o Transtorno do Espectro Autista podem apresentar diversos fatores próprios, como o comprometimento intelectual e/ou da linguagem, déficits motores (falta de coordenação, caminhar na ponta dos pés), prejuízo persistente na comunicação social recíproca e na interação social, padrões restritos e repetitivos de comportamento: *flapping* de mãos.

Os sinais iniciais do TEA podem ser percebidos na primeira infância, visto que bebês podem apresentar dificuldades no contato visual no momento da amamentação, hipersensibilidade (incômodo ou choro ao toque), hiperfoco em objetos, estereotípias e/ou ecolalia, atraso na linguagem verbal e não verbal.

O Transtorno do Espectro Autista compreende um conjunto de comportamentos agrupados em uma tríade principal: 1- comprometimentos na comunicação; 2 - dificuldade na interação social; 3- atividades restritas e repetitivas (uma forma rígida de pensar e estereotípias). Os sintomas variam muito de indivíduo para indivíduo. Em alguns quadros, há o acometimento de convulsões, já que o transtorno pode vir associado a diversos problemas neurológicos e neuroquímicos. (CUNHA, 2020, p. 23).

Os parâmetros do DSM – 5 (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders ou Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais), apresentam a divisão de dois grupos para os critérios do diagnóstico, que evidenciam características variadas. Sendo eles: grupo (A) composto por déficits persistentes na comunicação e na interação social verbal e não verbal em múltiplos contextos; e grupo (B) composto por padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

De acordo com Liberalesso e Lacerda (2020) o primeiro tópico do grupo A: Déficit na reciprocidade socioemocional, refere-se às dificuldades de interação social, de iniciar e manter relacionamentos, conversas, compartilhar emoções e troca de afeto. O autor expressa uma explicação acerca do comportamento humano, de como cada indivíduo desenvolve a comunicação com o outro. Segundo o autor, “entendemos que as pessoas aprendem e incorporam novos comportamentos segundo uma capacidade teoricamente inata de imitação, seguida por reforçamento”. (LIBERALESSO; LACERDA, 2020, p.18).

Partindo desse pressuposto, o referido autor pondera sobre o desenvolvimento de padrões atípicos de comportamento:

Indivíduos que sejam incapazes ou parcialmente incapazes de realizar cópias adequadas do comportamento, desenvolverão padrões atípicos de comportamento, comprometendo sua capacidade de manter relacionamentos interpessoais". (LIBERALESSO; LACERDA, 2020, p.18).

O segundo tópico do grupo (A) diz respeito aos déficits nos comportamentos comunicativos não verbais usados para interação social. Desse modo, para Liberalesso e Lacerda, essas características englobam a dificuldade no contato visual e comportamental em compreender os gestos do outro, isto é, falha na linguagem verbal e não verbal, deste modo, os autores ponderam ainda que há um erro de interpretação quando afirmam que a anormalidade no contato visual é a ausência do mesmo:

Pessoas portadoras de TEA apresentam uma fragmentação do contato visual, ou seja, são frequentemente incapazes de mantê-lo por um período prolongado de tempo e, quando solicitados a fazê-lo, relatam certo desconforto. (LIBERALESSO; LACERDA, 2020, p.18).

O terceiro ponto do grupo (A) relaciona-se aos déficits em mudanças de rotinas, compartilhar objetos, apegos por algo excessivamente, interagir com amigos e iniciar brincadeiras em conjunto. Haja vista que:

Pessoas com autismo, frequentemente, falham ao realizar testes que dependam desta seleção adequada de variáveis significativas (ou seja, que dependam da eficácia da coerência central). Por exemplo: se apresentarmos a uma criança um carrinho de brinquedo e ela for incapaz de analisar o objeto como um todo, fixando-se exclusivamente em uma de suas rodas, esta criança não será capaz de compreender como aquele objeto deve ser utilizado no contexto de uma brincadeira em que se fantasia um carro participando de uma corrida. (LIBERALESSO; LACERDA, 2020, p.18).

O primeiro ponto do critério B, refere-se aos movimentos repetitivos, estereotípias e ecolalia:

Estereotípias são definidas como movimentos repetitivos e rítmicos, sem uma função socialmente clara. Quando as pessoas no TEA são questionadas a respeito da função das estereotípias, elas nos explicam que estes movimentos geram alguma sensação de bem-estar ou equilíbrio (organização) em seu comportamento. Embora a neurociência não compreenda precisamente como as estereotípias se estruturam no cérebro humano, sabemos que alterações em circuitos dopaminérgicos em núcleos da base e cerebelo fazem parte da fisiopatologia. As estereotípias mais frequentemente observadas são balanços das mãos ao lado do corpo ou da cabeça, bater palmas e movimentos cíclicos do tronco para frente e para trás. (LIBERALESSO; LACERDA, 2020, p.20).

O segundo ponto faz referência a insistência na mesmice, como também a dificuldade em mudanças de padrões, pois uma criança autista ou um adulto pode se sentir desconfortável em alterar sua rota de caminho ao algum lugar ou mudança de móveis ou qualquer outro tipo de padrão que já estejam habituados. Assim como, tarefas simples podem tornar extremamente difíceis, como cortar o cabelo, cuidados com a saúde. Na vida adulta, podem apresentar dificuldades em desenvolver sua independência devido às dificuldades em lidar com o novo, gerando uma restrição social e ambiental. Outrossim, o terceiro pontua um interesse permanente em algo, um hiperfoco em objetos incomuns, pois é corriqueiro na fase da infância, uma criança brincar com objetos que não sejam brinquedos. Na sequência, o quarto ponto tange “Hiper ou hiporreatividade a estímulos sensoriais ou interesse incomum por aspectos sensoriais do ambiente” (LIBERALESSO; LACERDA, 2020, p. 22). Portanto, há uma grande adversidade ou indiferença a dor e temperatura, dificuldades com ruídos, fascínio por luzes e cinesia.

Na fase da infância, a inexistência do desenvolvimento das capacidades sociais e comunicacionais dificulta a aprendizagem, principalmente no ambiente escolar, a partir do desenvolvimento por meio da interação entre pares. Sendo assim, para a superação de barreiras, a contribuição do trabalho em conjunto entre família e comunidade escolar é o que deve objetivar um ensino que promova a inserção na prática do estudante autista, pois a escola se caracteriza como um principal ambiente de desenvolvimento cognitivo, psicossocial e cultural.

O DSM-5 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) divide o autismo em 3 níveis diferentes, através de algumas características do indivíduo autista. Nível 1 (Exigindo apoio) refere-se aos déficits de comunicação e interação social; Nível 2 (Exigindo apoio substancial) refere-se aos déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal mesmo com apoio. Nível 3 (Exigindo apoio muito substancial) se caracteriza por déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal, causam prejuízos graves de funcionamento, extrema dificuldade em lidar com mudanças ou com outros comportamentos (APA, 2014, p.52). Pessoas com TEA podem apresentar sintomas leves e sintomas mais graves. Entretanto, não há uma ordem correta, pois o autismo varia entre a ocorrência dos tipos de sintomas em cada indivíduo.

Tabela 1 – Níveis de gravidade para o transtorno do espectro autista

Nível de gravidade	Comunicação social	Comportamento restrito e repetitivo
Nível 3 “Exigindo apoio muito substancial”	Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal causam prejuízos graves de funcionamento, grande limitação em dar início a interações sociais e resposta mínima a aberturas sociais que partem de outros.	Inflexibilidade de comportamento, extrema dificuldade em lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos interferem acentuadamente no funcionamento em todas as esferas. Grande sofrimento/dificuldade para mudar o foco ou as ações.
Nível 2 “Exigindo apoio substancial”	Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal; prejuízos sociais aparentes mesmo na presença de apoio; limitação em dar início a interações sociais e resposta reduzida ou anormal a aberturas sociais que partem de outros.	Inflexibilidade do comportamento, dificuldade de lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos aparecem com frequência suficiente para serem óbvios ao observador casual e interferem no funcionamento em uma variedade de contextos. Sofrimento e/ou dificuldade de mudar o foco ou as ações.
Nível 1 “Exigindo apoio”	Na ausência de apoio, déficits na comunicação social causam prejuízos notáveis. Dificuldade para iniciar interações sociais e exemplos claros de respostas atípicas ou sem sucesso a aberturas sociais dos outros. Pode parecer apresentar interesse reduzido por interações sociais.	Inflexibilidade de comportamento causa interferência significativa no funcionamento em um ou mais contextos. Dificuldade em trocar de atividade. Problemas para organização e planejamento são obstáculos à independência.

Fonte: American Psychiatric Association (APA): Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª edição. 2014, p.52.

Destarte, é preciso salientar que não possui registros de cura para o transtorno do espectro autista, porém seu diagnóstico e tratamento antecipado promoverá um maior desenvolvimento e qualidade de vida, visto que a identificação dos primeiros problemas possibilita a intervenção rápida, pois os sinais positivos através de resposta a terapias são mais eficazes quando realizados precocemente. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2014, p.16).

3 PROFESSOR DA SALA DE AULA REGULAR COMO MEDIADOR NA UTILIZAÇÃO DE FERRAMENTAS DIDÁTICAS PARA O ENSINO DO ALUNO COM TEA

Ao longo da história da educação o termo “professor” foi sinônimo de autoritário, absolutista e inflexível, construção essa em decorrência de um ensino influenciado pelo militarismo, que apresentava punições como uma forma de “educar”. Principalmente para aqueles estudantes que eram vistos como “estranhos” e “diferentes”, sendo frequentemente excluídos e isolados. No entanto, com as conquistas educacionais e evolução das práticas pedagógicas, o autoritarismo perdeu espaço para um ensino que coloca o aprendiz como o centro de seu aprendizado e o docente como mediador, isto é, um professor que possibilite e demonstre caminhos nos quais os alunos possam trilhar.

3.1 Professor do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e a função dele na escola

Articular processos que visem o desenvolvimento, participação plena de todos e extinguir obstáculos no processo de aprendizagem dos alunos dentro do ambiente escolar, é o grande propósito que o Atendimento Educacional Especializado (AEE) almeja. Sua criação teve como marco o ano de 2008 através da Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva, dentro da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), no Decreto nº 7.611/2011. Sendo assim, seu papel reside em prestar suporte a todos estudantes com qualquer tipo de transtorno, déficits ou deficiência. Conforme o Ministério da Educação (MEC) o público-alvo do AEE é composto por:

- a) Alunos com deficiência: aqueles que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, intelectual, mental ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.
- b) Alunos com transtornos globais do desenvolvimento: aqueles que apresentam um quadro de alterações no desenvolvimento neuropsicomotor, comprometimento nas relações sociais, na comunicação ou estereotípias motoras. Incluem-se nessa definição alunos com autismo clássico, síndrome de Asperger, síndrome de Rett, transtorno desintegrativo da infância (psicoses) e transtornos invasivos sem outra especificação.
- c) Alunos com altas habilidades/superdotação: aqueles que apresentam um potencial elevado e grande envolvimento com as áreas do conhecimento

humano, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotora, artes e criatividade. (BRASIL, 2018, p.2).

O corpo técnico do serviço ofertado dentro do AEE é mediado por um profissional especializado na área de educação inclusiva, intérprete de libras, psicólogo, dentre outros que colaboram nesse processo. O atendimento deve ocorrer em uma sala específica, que ofereça todo aparato necessário para o desenvolvimento das habilidades e superação das dificuldades desses alunos. Assim sendo, é importante frisar a importância do trabalho colaborativo com o professor da rede regular. O suporte que cada docente oferece em conjunto com outro é fundamental para a identificação das possíveis dificuldades sociais e educacionais; e a construção de ferramentas e estratégias a fim de desenvolver a equidade educacional.

Em suma, ao compartilhar experiências, os professores desenvolvem o progresso profissional de ambos, a partir do acompanhamento da evolução e desempenho do aluno, fortalecendo as chances de sucesso e diminuindo a margem para algum tipo de frustração e sentimento de incapacidade frente ao planejamento escolar e ao trabalho com o aluno.

O desenvolvimento humano está intrinsecamente ligado à aprendizagem, possuindo ação fundamental para o processo evolutivo. Partindo desse viés, Orrú (2012, p.97) enfatiza a relação do professor como mediador no processo de aprendizagem seguindo o conceito de Vygotsky acerca da ação mediada na Zona de Desenvolvimento Proximal sobre a capacidade de resolução de problemas, que ocorre “a partir do auxílio de outras pessoas que se encontram mais possibilitadas, indicando que poderá a ser autônoma no porvir quando o seu nível de desenvolvimento permitir”. Assim como, Orrú ressalva a mediação do professor a partir da abordagem histórico-cultural de Vygotsky:

O professor, em sua relação com o aluno, conduz a apreensão dos significados tomados, como também dos conceitos elaborados, além de fazer uso de instrumentos e da própria linguagem em seu processo de ensino e aprendizagem, tornando o conhecimento mais acessível. Ele atua como um agente de mediações entre o contato de seus alunos e a cultura que é desenvolvida na relação com os outros, proporcionando aquisição de conhecimentos a partir de circunstâncias diversas que geram a compressão significativa. (Orrú, 2012, p.98)

Um professor mediador é o profissional da educação que não só transmite o conhecimento, mas apoia e cria ambientes favoráveis que incentivem a aprendizagem. O docente precisa entender seu aprendiz, principalmente alunos com

TEA, pois é de suma importância conhecer suas características com o objetivo de criar um ambiente de ensino inclusivo e adaptado às especificidades individuais, a fim de proporcionar ferramentas didáticas e acessíveis para produzir o engajamento do aluno na formação do saber. Com base nisso, Cunha (2020) apresenta diversos elementos que compõe a prática pedagógica para envolver o aluno autista na aula:

Atividades para comunicação, cognição e linguagem: livros, jogos coletivos, pareamento do concreto com o simbólico, música, desenho, pintura, jogos e atividades que utilizem novas tecnologias digitais e estimulem o raciocínio lógico; **Atividades para desenvolvimento matemático:** blocos lógicos, pareamento do concreto com o simbólico, encaixes geométricos, jogos e atividades que utilizem novas tecnologias digitais, atividades com temas do cotidiano e que estimulem o raciocínio lógico-matemático; **Atividades para desenvolvimento motor:** exercícios que trabalhem as funções motoras e sensoriais, encaixes diversos, colagem, recorte, atividades físicas, atividades com música e de vida prática. **Atividades para socialização:** atividades esportivas individuais e coletivas; atividades pedagógicas em que o aluno possa compartilhar com a turma o seu saber; atividades que possam ser realizadas por todos os alunos; **Atividades para desenvolvimento do foco de atenção:** atividades e pesquisas em distintas áreas do conhecimento sobre temas que o educando tem interesse; atividades com novas tecnologias digitais, recortes diversos com tesoura, música, artes, desenho, pintura e vida prática. (Cunha, p.89-90).

Desse modo, nota-se a importância de trabalhar com recursos de figuras, desenhos, jogos, colagens, recortes, que envolvam o foco do aluno na atividade e o coloque como um ser ativo, visto que, de acordo com o referido autor, o recorte ajuda a “desenvolver a concentração, a coordenação visório-motora e a coordenação motora fina, habilidades que serão necessárias na aprendizagem da Matemática e da Linguagem”. (Cunha, 2020, p.91).

Dessa maneira, ao pensar nas práticas pedagógicas, o docente necessita ter esse olhar voltado as necessidades dos alunos, conhecê-los, ser flexível e engajado em suas práticas “[...] O professor é essencial para o sucesso das ações inclusivas [...]” (Cunha, 2020, p. 17).

3.2 Estratégias didática para atuação com o aluno com TEA

A educação inclusiva se refere à prática de garantir que todos os alunos, independentemente de suas habilidades, necessidades ou características individuais, tenham igualdade de acesso a oportunidades educacionais de qualidade.

O *Lapbook* é uma ferramenta didática que faz o aluno ser protagonista do seu conhecimento se tornando um grande aliado no processo de aprendizado dos estudantes autistas, pois proporciona uma atividade interativa que apresenta em sua composição recursos visuais, isto é, absorção do saber através do sentido da visão, assim como, textos curtos e objetivos para facilitar o foco do aluno no assunto em desenvolvimento. Para mais, trabalhar com a produção do mesmo, promoverá o desenvolvimento do estímulo multissensorial através de recortes e colagens de atividades e textos inseridos dentro do material. Assim, um dos grandes objetivos de inserir atividades diversificadas no ensino é oportunizar ao aluno autista um ser autônomo e responsável pela construção do seu próprio conhecimento.

A utilização desta ferramenta educacional permite um processo de ensino diferenciado e mais agradável, sem tirar de foco a aprendizagem do aluno autista. Partindo deste ponto, é notável que este recurso tem várias finalidades de como ser utilizado em sala ou em ambientes externos, além de diversificar para realidade do aprendiz envolvendo vários aspectos positivos podendo impactar no processo de leitura, estímulos e criatividade, pois a personalização é compreendida como proporcionar aos alunos a capacidade de customizar seu *lapbook* de acordo com suas necessidades e preferências individuais ou grupais.

Para Houaiss (2001) entende que materiais diversificados como recursos pedagógicos, possuem “características ou finalidades educativas que visem assegurar a adaptação recíproca do conteúdo informativo aos indivíduos que se deseja formar”, o que amplia o sentido do termo. Para as autoras, o processo de ensino é parte da formação humana e não se restringe ao espaço da sala de aula. Principiando que atualmente no Brasil há salas destinadas para o atendimento aos alunos com necessidades específicas, pressupõe que o ambiente do AEE contribui para a elaboração da ferramenta deixando o aluno em situação mais favorável ao ensino e aprendizagem.

Acerca dessa questão, pressupõe-se que o *Lapbook* é um recurso que incrementa positivamente o aprendizado do aluno, destacando-se com TEA por haver

várias aptidões a desenvolver ou aprimorar de acordo com o assunto abordado, combinadas com processos cognitivos, as atividades práticas levam a melhores resultados de aprendizagem. Conforme, Mykolayivna, An. Et al (2021):

Até Maria Montessori descobriu que, além do desenvolvimento mental, é igualmente importante desenvolver habilidades sensoriais e emocionais e habilidades motoras finas. É exatamente nisso que o *lapbook* se concentra, pois combina formas de organizar materiais como: apliques, molduras, colagens, papel plástico (criação de bolsos, sanfonas, envelopes etc.), colagem, diagramas etc. de materiais são selecionados: vários tipos de tecido, papel, papelão, plasticina, cola, tintas, lápis (ou canetas hidrográficas), vários acessórios para decoração (botões, fitas, adesivos, grãos (ou sal, açúcar e outros produtos, materiais naturais).

Os benefícios sensoriais, cognitivos e sociais que o *Lapbook* oferece são fundamentais para o desenvolvimento pleno desses alunos, possibilitando uma educação inclusiva e de qualidade.

4 CONCEITUAÇÃO DO LAPBOOK

As discussões sobre o desenvolvimento do conhecimento humano no processo de ensino-aprendizagem escolar e a preocupação com o papel da educação revelam que são necessárias metodologias diversificadas para um ensino dinâmico e diferenciado, de forma a promover aprendizagem efetiva (BRASIL, 2018). Acerca da etimologia da palavra *Lapbook*, trata-se de um substantivo composto pelos termos “lap” que significa “centro [...], faixa, aba, borda, dobra”, e verbo *to lap*, que significa “embrulhar, dobrar, redobrar, sobrepor, sobreposição”. Isto posto, para Gottardi e Gottardi (2016, p. 14, tradução nossa).

O lapbook é uma mistura destes dois significados, sendo o lapbook uma pasta, uma superfície de trabalho, facilmente consultável segurando-o no colo, pois é construído com um suporte semirrígido como base. Temos que pensar no lapbook como uma espécie de estação de trabalho com muitas gavetas para abrir e fechar para encontrar o conteúdo.

O "lapbook" é uma palavra inglesa que significa livro com abas, é vista como ferramenta didática que propende o desenvolvimento produtivo e autônomo do aprendiz significativo, pois se caracteriza como um recurso didático que pode ser construído de diferentes formas e figuras, que oportuniza a sistematização de assuntos passados pelo professor em forma de um projeto individual ou em grupo e todas as faixas etárias podem ser ensinadas. Seguindo o conceito de Graells (2000, p.01, tradução nossa), é exatamente essa intencionalidade que distingue os materiais didáticos dos recursos didáticos. Esse autor afirma que o recurso didático pode ser “qualquer material que, em um determinado contexto educacional, é usado para fins educacionais ou para facilitar o desenvolvimento de atividades formativas”. Ademais, o autor destaca que os materiais didáticos são criados com a pretensão de ensinar, portanto, elaborados com a intenção de facilitar o processo de ensino-aprendizagem.

4.1 *Lapbook* e a aprendizagem significativa

Ausubel, renomado psicólogo e educador, é conhecido por suas contribuições significativas no campo da aprendizagem e da educação. Sua abordagem enfatiza a importância da integração do novo conhecimento com outros presentes na estrutura cognitiva existente do aluno. A aprendizagem significativa é um processo pelo qual o

aluno relaciona o novo conhecimento com suas experiências prévias, criando significado e tornando-o mais fácil de compreender e lembrar. Com base nisso, o autor alega:

Para haver aprendizagem significativa são necessárias duas condições. Em primeiro lugar, o aluno precisa ter disposição para aprender: se o indivíduo quiser memorizar o conteúdo arbitrário e literalmente, então a aprendizagem será mecânica. Em segundo, o conteúdo escolar a ser aprendido tem que ser potencialmente significativo, ou seja, ele tem que ser lógico e psicologicamente significativo: o significado lógico depende somente da natureza do conteúdo, e o significado psicológico é uma experiência que cada indivíduo tem. Cada aprendiz faz uma filtragem dos conteúdos que têm significado ou não para si próprio. (AUSUBEL, 1978. p 37 - 42).

Além do mais, Ausubel apresenta o termo “conceitos subsunçores” formados na estrutura cognitiva do ser humano, isto é, ideias e concepções já pré-definidas no qual em relação a um novo conhecimento adquirido forma uma integração desses conceitos, ou seja, quando novas informações são associadas a esses *subsunçores*, uma aprendizagem significativa acontece.

Para Ausubel, a aprendizagem significativa é um processo pela qual uma nova informação se relaciona com um aspecto relevante da estrutura do conhecimento do indivíduo. Ou seja, neste processo a nova informação interage com uma estrutura de conhecimento específico, a qual Ausubel define como conceitos subsunçores ou, simplesmente, subsunçores (subsumers), existentes na estrutura cognitiva do indivíduo. (MOREIRA; MASINI, 1982, p.7).

Tanto quanto os *subsunçores*, os organizadores prévios também são fundamentais para compor a aprendizagem significativa, pois são estratégias e ferramentas utilizadas para introduzir um novo material que auxilia os estudantes a conectarem o novo conhecimento com ideias ou conceitos já familiares para eles. Conforme Ausubel (1978, p.171) “A principal função do organizador prévio é servir de ponte entre o que o aprendiz já sabe e o que ele precisa saber para que possa aprender significativamente a tarefa com que se depara”. Logo, a importância do trabalho em conjunto desses dois conceitos está na promoção de uma aprendizagem mais profunda e eficaz, visto que ao utilizar os *subsunçores* como base e os organizadores prévios como estrutura, os educadores capacitam os alunos a conectarem novas informações de forma mais significativa.

Outro elemento essencial na teoria de Ausubel, se encontra nos mapas conceituais, responsáveis por ajudar a ilustrar as conexões da aprendizagem e a

organizar o conhecimento de uma maneira significativa. Consoante Moreira et al, (1982, p.45) os mapas conceituais “podem ser vistos como diagramas hierárquicos que procuram refletir a organização conceitual de uma disciplina ou parte de uma disciplina”. Além disso, o mapa conceitual também pode ser utilizado como recurso de autoavaliação e reflexão sobre seu desenvolvimento e desempenho. Partindo desse ponto de vista, Moreira (2006, p.55) seguindo a visão de Ausubel, pontua sobre os mapas conceituais no contexto de avaliação:

Outra possibilidade de usos do mapa conceituais está na avaliação da aprendizagem. Avaliação não como objetivo de testar conhecimento e dar uma nota ao aluno, a fim de classificá-lo de alguma maneira, mas no sentido de obter informações sobre o tipo de estrutura que o aluno vê para um dado conjunto de conceitos. Para isso, pode-se solicitar ao estudante que o mapa ou este pode ser obtido indiretamente por meio de suas respostas a testes escritos ou entrevistas orais.

Além do mais, a implementação da aprendizagem significativa na sala de aula requer a criação de atividades que promovam a conexão entre o conteúdo e o conhecimento prévio dos alunos. Essas atividades podem envolver discussões em grupo, projetos práticos, ensino colaborativo e uso de recursos visuais e interativos. Segundo Ribeiro (2020, p. 88) o *Lapbook* se constitui como ferramenta metodológica, multifuncional e interdisciplinar em um ensino significativo. Diante desse viés, para o autor:

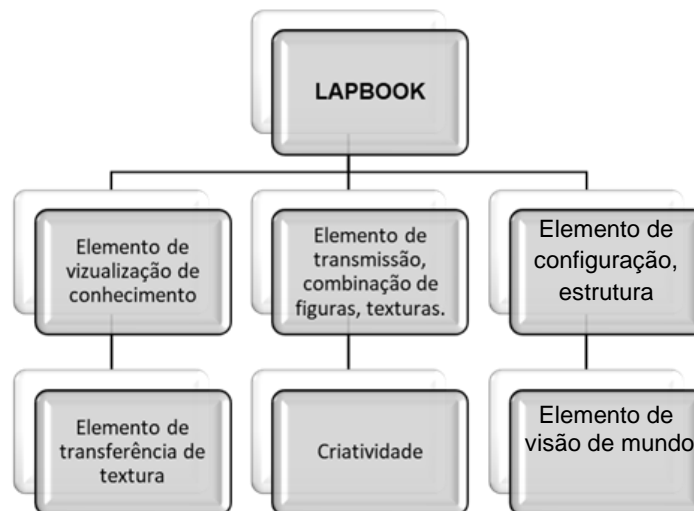
O *lapbook* é um recurso que visa proporcionar aos professores de todos os níveis de ensino a oportunidade de construir um trabalho significativo com o conteúdo abordado, permitindo o desenvolvimento do processo contínuo de ensino-aprendizagem, pois, através desta técnica e dos seus registros o docente é capaz de observar a aprendizagem e as dificuldades obtidas pelos alunos e se possível ré encaminhá-las.

Por conseguinte, esta ferramenta didática envolve a criação de um livro portátil ou caderno que contém informações sobre um determinado tópico, no qual o aluno mostra um conhecimento mais dinâmico, ativo e participativo, adquirido ao longo do formulário de unidades didáticas, como protagonista em seu próprio processo de aprendizagem.

4.2 Lapbooks: Construção, Prática e avaliação

O *Lapbook* também é considerado como uma atividade de aprendizagem universal que permite o aluno organizar e apresentar informações de uma forma criativa e envolvente. Ele pode ser usado para uma variedade de tópicos e níveis de habilidade. É uma excelente ferramenta para auxiliar no ensino da língua portuguesa no ensino fundamental. Com ele, os alunos podem desenvolver a leitura e a escrita de forma divertida e interativa. Dependendo da forma de como os discentes absorvem a informação, podendo ser divididos em: visualistas, cinestésicos, discretistas, trazendo uma construção de elementos que podem ser desenvolvidos pelo aprendiz, como mostra na figura 1:

Figura 1 - *Lapbook* como conjunto de elementos



Fonte: Mykolayivna, NA. Et, al. 2021)

O *Lapbook* pode ser feito de cartolina, combinando elementos de desenhos, imagens, etc., sendo uma ferramenta produzida em sala com o professor, e por ser uma metodologia prática é importante que ele faça um passo a passo de cada etapa:

1. Material adequado: materiais básicos que ajudarão na construção, como cartolinas, papel, lápis, pincel, tesoura, cola, fita adesiva, fotografias, recortes, aplicações em papel e outros materiais decorativos, como marcadores, canetas coloridas, etc;
2. Moldar: O professor deve ensinar aos alunos como dobrar a cartolina para transformar em *lapbook* e seus respectivos elementos: Capa, dobras e aba. Dando as orientações de como preencher cada informação.

3. Definição do tema: Escolher um tema, embora também possa ser decidido em conjunto com os estudantes e criar um plano de trabalho;
4. Organizar o trabalho: Coletar informações. Poderá dividir o conteúdo em seções, como fatos, atividades interativas ou projetos. Cada seção pode ter seu próprio formato, como um bolso, uma caixa ou um livro *pop-up*.

Há vários tipos diferentes de *Lapbooks*, cada um com seu próprio conjunto de características e benefícios. Em termos de finalidade, podemos distinguir: *Lapbooks* de jogos (criados para fins de entretenimento); Educacionais (para obter informações); História *pop-up*, (esses *Lapbooks* apresentam ilustrações tridimensionais que "saltam" das páginas quando o leitor abre o livro interativo). Também, pode ser um mini-book, formado por uma base de formato A4 ou A3, trata-se de uma pasta em forma de minilivro, que possui bolsos de papel, janelas, envelopes e outros elementos adicionais. A atividade teórica no *Lapbook* está intimamente relacionada e interdependente com a prática. Desse modo, quanto mais diversificado for o design do *Lapbook*, maior será seu valor prático.

Ressalta-se que esta ferramenta deve ser criada de forma responsável. Afinal, quanto mais próximos os materiais estiverem uns dos outros, mais efetivo será o desenvolvimento criativo. Para K. Stýcel (2014), o principal objetivo do uso de um *Lapbook* é estimular a imaginação e o envolvimento do destinatário, organizando criativamente uma maleta comum em um espaço interativo de entretenimento e educação. Segundo o autor, um *Lapbook* "(...) desencadeia o pensamento criativo, desenvolve a imaginação da criança, inspira e estimula a curiosidade e ensina o trabalho organizado em equipe" (STÝCEL, 2014, p. 24. Tradução nossa). Ademais, podendo ser utilizado para reforçar e revisar atividades.

O ensino e a avaliação podem ocorrer de diferentes formas. Ao disponibilizar o tempo da aula para a confecção do material, o professor poderá avaliar, por meio de observações, o trabalho em grupo e a cooperação. Estipular itens e pontuações acerca da organização da ferramenta, clareza das informações, rasuras, cuidados com o material, originalidade e conteúdo presente no *Lapbook*. Por fim, verificar se ele está correto e completo (CAÑAS; MELCÓN, 2017). Dessa maneira, todos esses processos se constituem como procedimentos avaliativos.

4.2.1 O gênero textual contos de fadas

Os contos de fadas emergiram por meio das tradicionais contações de histórias de autoria desconhecida. Essas narrativas foram transmitidas oralmente através de uma geração para a outra e que perpetuam até hoje. Suas características são marcantes, com presença de seres fantásticos, magia, sentimentos e fantasia, em um mundo onde os personagens enfrentam desafios e obstáculos para vencer o mal.

Para Santos et al (2018, p. 79) “Os contos de fadas ajudam a criança a elaborar e a construir sua identidade na perspectiva de uma visão de mundo significativa e abrangente”. Com base nisso, essas histórias contribuem de forma positiva como uma influência para a construção da moral, desenvolvimento da criatividade e imaginação, além de agregar positivamente para a formação da criticidade do indivíduo. Haja vista que:

É característico dos contos de fadas colocarem um dilema existencial de forma breve e categórica. Isto permite à criança aprender o problema em sua forma mais essencial, onde uma trama mais complexa confundiria o assunto para ela. O conto de fadas simplifica todas as situações. Suas figuras são esboçadas claramente; e detalhes, a menos que muito importantes, são eliminados. Todos os personagens são mais típicos do que únicos. (BETTELHEIM, 2002, p.07).

O processo de leitura deve ser constantemente estimulado desde o momento da alfabetização e ao longo da vida. A escola e os professores possuem um importante papel na construção de alunos-leitores capazes de se posicionar e refletir sobre o mundo em que vivem. A esse viés, Lajolo (2002, p. 7) enfatiza a importância da leitura, pois “quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela.”

Contos de fadas são cheios de símbolos, pois imitam a vida real. Os símbolos são utilizados cotidianamente, nos nossos gestos, nos nossos sonhos, nos nossos pensamentos. Eles dão forma aos nossos desejos, nos motivam a agir e a entender o mundo. Por este motivo, contos de fadas podem ter vários significados, sendo uma estratégia eficaz para melhorar a aprendizagem e o envolvimento dos alunos. De acordo com Grosso (2012, p. 21):

Os contos de fadas, dentre outras categorias lúdicas e criativas abarcam em seus textos, elementos mágicos que despertam a curiosidade do leitor para o mundo literário, fazendo com que o hábito de leitura, seja adquirido através de boas experiências literárias, hoje com as releituras de clássicos da literatura, em filmes que também aguçam a curiosidade e influenciam gostos e valores desde a infância até a idade adulta.

Os símbolos presentes nos contos de fadas refletem a cultura e a experiência humana, podendo expressar lições que influenciam o leitor. Nesse contexto, o foco dos professores de língua portuguesa, ao buscarem formar alunos criativos e motivados, deve ser aguçar no discente o interesse pelo novo e pela exploração contínua do saber.

5 METODOLOGIA

Este estudo foi realizado através de uma pesquisa participante com abordagem qualitativa que envolve a participação do pesquisador no grupo ou comunidade que está sendo estudado. Para Gil (1999), o uso dessa abordagem propicia o aprofundamento da investigação das questões relacionadas ao fenômeno em estudo e das suas relações, mediante a máxima valorização do contato direto com a situação estudada, buscando-se o que era comum, mas permanecendo, entretanto, aberta para perceber a individualidade e os significados múltiplos.

5.1 Local da pesquisa:

O local da pesquisa foi a Escola Cívico Militar Professor Antônio Munhoz, localizada na Rua Carlos Mariguela, 2101, Conjunto Macapaba. A escola apresenta uma população diversificada de estudantes provenientes de diferentes origens socioeconômicas e culturais.

Além do mais, a escola oferece assistência na sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE) para cerca de 30 alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno do Déficit de Atenção (TDAH), Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD), Ansiedade e outros transtornos e déficits. Esses alunos são atendidos tanto pela manhã quanto à tarde. No período matutino, três professoras são responsáveis por esses atendimentos, cada uma fica com 10 alunos, atendendo-os em horários e dias diferentes. O atendimento dos dois alunos participantes da pesquisa é realizado pela mesma professora.

5.2 Participantes da pesquisa e breve levantamento histórico dos alunos:

No âmbito desta pesquisa, os sujeitos foram dois alunos do 7º ano do ensino fundamental, cujas idades estão compreendidas entre 12 e 14 anos, e que apresentam o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Assim como, a professora de Língua Portuguesa responsável pelo acompanhamento pedagógico e a professora do Atendimento Educacional Especializado, cuja atuação é dedicada ao suporte especializado para esses alunos.

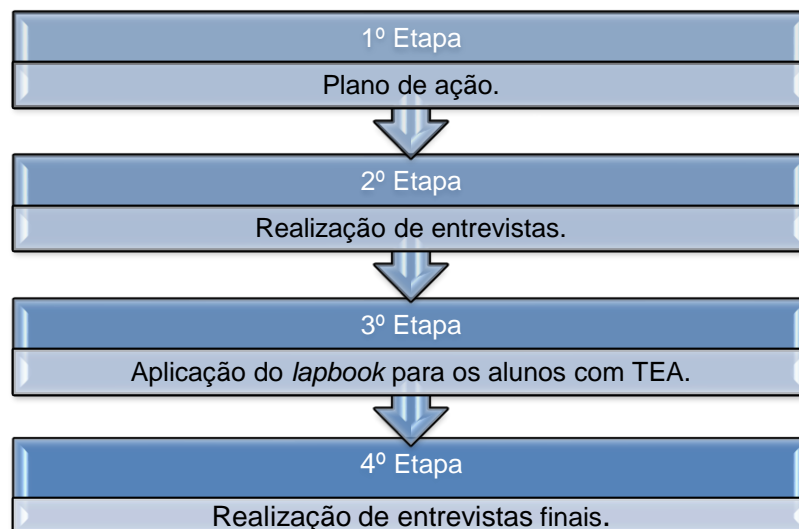
O aluno A, possui 12 anos de idade e está matriculado na turma 7º ano C do ensino fundamental II. O educando é diagnosticado com TEA nível 1, é alfabetizado, demonstra grande interesse em desenhar e pelo jogo *Roblox*, além de gostar de ler histórias de aventura, assim como, apresenta interesse em recortes e colagens e não possui dificuldades na coordenação motora. Durante a aula, apresenta dificuldades de concentração devido ao barulho dos seus colegas e, muitas vezes, acaba dormindo durante as aulas devido a passar uma grande parte da noite jogando no celular. Além disso, o aluno é caracterizado pelas professoras como inteligente, amável e tímido.

O aluno B, possui 14 anos de idade e está matriculado na turma 7º ano E do ensino fundamental II. O educando é diagnosticado com TEA nível 1, é alfabetizado. Apresenta um grande gosto por ciências, jogos, desenho e leitura, embora ele não goste tanto de escrever, principalmente devido à sua insatisfação com a própria letra. Segundo relatos das professoras, o aluno é bastante comunicativo, porém se irrita com facilidade, além de ter pouca paciência e dificuldades de concentração.

5.3 Instrumentos de coleta de dados:

Os instrumentos para coleta de dados para efetuar o estudo foram através do desenvolvimento de um plano de ação, entrevistas, construção prática do *Lapbook* e realização de duas entrevistas finais, conforme exemplifica a figura 2, a seguir:

Figura 2 – Etapas do processo



Fonte: Autoras da pesquisa.

Inicialmente, realizamos uma entrevista com a professora responsável pelo atendimento educacional dos alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) com o intuito de obter informações sobre as características dos alunos. Para mais, entrevistamos a professora de língua portuguesa, responsável por ministrar aulas para os alunos participantes nas duas turmas, e efetuamos uma entrevista com os dois alunos para realizar a nossa apresentação inicial, conhecê-los e obter informações sobre seus gostos e preferências.

Posto isto, nós formulamos um plano de ação que continha as descrições de cada etapa a ser seguida no processo de intervenção. O plano teve um papel fundamental de orientar, organizar e definir objetivos e metas práticas. Ele foi cuidadosamente estruturado com base em um embasamento teórico sólido, proporcionando uma base firme para todas as etapas do estudo.

Na sequência, após realizar a coleta de dados através de entrevistas, iniciou-se a formulação e desenvolvimento da ferramenta, seguido pelo momento de aplicação do *Lapbook* aos alunos com TEA. Posteriormente, concluída esta etapa, realizamos duas entrevistas, uma com a professora de língua portuguesa e outra com a professora do AEE, para obter feedback sobre a execução do trabalho.

Por conseguinte, a análise de dados dessa pesquisa foi conduzida por meio da transcrição das entrevistas, observação da construção da ferramenta didática com os alunos, como interação com o conteúdo e como eles organizam as informações no *Lapbook*. Portanto, este estudo respeitou todos os princípios éticos da pesquisa científica e os dados coletados serão mantidos em sigilo.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste estudo, os resultados são apresentados a partir de uma investigação que apresenta informações pertinentes obtidas em cada fase da pesquisa, e que foram adquiridas por meio da realização de entrevistas e da implementação prática do *Lapbook* sobre o gênero textual contos de fadas “João e Maria”.

6.1 Análise e discussão da entrevista com a professora de Língua Portuguesa:

A entrevista realizada com a professora de Língua Portuguesa consistiu em 7 perguntas abertas, atentamente elaboradas para a produção de respostas completas. Durante esse processo, entregamos as perguntas escritas e gravamos o áudio das respostas. À vista disso, a implementação da entrevista promoveu uma melhor liberdade de expressão da professora sem se prender às respostas já definidas. Conforme Minayo (2010) a entrevista pode ser considerada:

Uma modalidade de interação entre duas ou mais pessoas. Essa pode ser definida como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e por meio de perguntas formuladas busca a obtenção dos dados que lhe interessa. É uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador, destinada a construir informações pertinentes para o objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes tendo em vista este objetivo.

Tabela 2 - Entrevista realizada com a professora de Língua Portuguesa

PERGUNTAS	RESPOSTAS
1º) Quais as principais características que você identificou no aluno A? Quais são suas dificuldades e habilidades na disciplina de Língua Portuguesa?	Concentração. Ele compreende bem o que ele lê, ele escreve com clareza, mas ele tem dificuldade de se concentrar no barulho, dependendo do dia também e da modulação do sono dele, se ele dormiu bem ou se não dormiu. Isso reflete muito na sala de aula.
2º) Quais as principais características que você identificou no aluno B? Quais são suas dificuldades e habilidades na disciplina de Língua Portuguesa?	Eu acredito que ele seja a mesma coisa, a falta de concentração na aula devido ao barulho. Ele também apresenta algumas dificuldades na escrita.
3º) O aluno A e o aluno B gostam de atividades lúdicas? Que utilize recortes, desenhos e colagens?	Demais, é o que chama mais a atenção deles, principalmente o desenho.

4º) Você já trabalhou o gênero textual conto na turma deles?	Nesse ano já trabalhei o gênero textual através do livro didático, mas ano passado o conto foi trabalhado mais detalhadamente. Agora estamos trabalhando os textos jornalísticos.
5º) Você já utilizou alguma estratégia específica para trabalhar com esses alunos? Costuma trabalhar com atividades lúdicas?	Não. Assim, na sala eu trabalho o mesmo conteúdo para todo mundo. Se eles não conseguirem acompanhar, aí eu peço apoio do AEE, aí as meninas fazem um trabalho mais específico.
6º) Como é a comunicação e a colaboração com a professora do AEE, essa colaboração é importante? Vocês conversam e trabalham em conjunto para solucionar algum problema enfrentado pelos alunos?	Sim, quando há necessidade eu sempre converso com as professoras e elas ajudam.
7º) Você considera importante esse trabalho em conjunto? Se sim, quais são os principais motivos pelos quais você acredita que a colaboração entre professores regulares e o Atendimento Educacional Especializado (AEE) é essencial para o desenvolvimento dos alunos?	Sem dúvida, é o que a gente faz aqui na escola. Nós temos 50 alunos na sala e eles tem 10, então é sempre feita essa parceria, essa adaptação. Porém, tem que ter uma sensibilização, porque eles não são professores especialistas, eles têm que saber tudo, português, matemática etc.

Fonte: Autoras da pesquisa, 2023.

Com base no que foi apresentado na tabela 2, os resultados da entrevista revelam-se enriquecedores. A partir das respostas, obtivemos uma compreensão mais aprofundada dos interesses dos alunos participantes desta pesquisa. Ficou evidente que a maior dificuldade apresentada pelos educandos é a concentração devido aos muitos estímulos presentes na sala de aula, principalmente na realidade de um ensino público com mais de 50 alunos em uma turma. Além do mais, o conteúdo gênero textual foi trabalhado na aula, mas de uma forma não aprofundada. Sendo assim, os aspectos do gênero textual conto já estão presentes na estrutura cognitiva dos estudantes.

Outro ponto observado, foi quanto a resposta positiva acerca da ludicidade, algo que chama a atenção dos alunos e promove um maior foco em um aprendizado significativo, qualidade essa que será proporcionada através do *Lapbook*. Santos (2012, p.12) discorre acerca do lúdico como facilitador da aprendizagem e do “desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental,

prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção de conhecimento”.

Outro fator a ser sinalizado, se refere a resposta da professora sobre o uso de estratégias específicas para o trabalho com os alunos autistas e como ocorre a comunicação com os profissionais do AEE. Foi possível verificar que a docente não utiliza recursos adaptados, todavia, ao notar alguma dificuldade enfrentada, a professora solicita o auxílio de um profissional do AEE. A partir dessa ótica, Damiani (2008, p. 218) afirma que:

O trabalho em conjunto é fundamental para os professores, constituindo uma oportunidade de qualificação docente, permitindo transformação de práticas ineficientes, a partir de discussões e reflexões, além de amenizar as dificuldades no processo de ensino aprendizagem, num objetivo comum.

Assim sendo, o trabalho colaborativo e apoio mútuo entre as professoras, é a chave para superar barreiras encontradas pelos alunos e promover sua evolução educacional.

6.2 Análise e discussão da entrevista com a professora do AEE:

O segundo momento de coleta de dados se deu através de entrevista realizada com a professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e consistiu em 10 perguntas abertas. O objetivo principal foi conhecer as características dos alunos com TEA participantes da pesquisa. A seguir, estão as perguntas que foram apresentadas:

Tabela 3 – Entrevista realizada com a professora do AEE sobre o aluno A

PERGUNTAS	RESPOSTAS
1º) Quais são as características principais do aluno?	Ele é uma pessoa muito amável e inteligente, quando ele vem no atendimento, ele sempre faz as atividades comigo.
2º) Quais são as principais dificuldades?	Ele é muito sonolento, acredito que seja por causa de passar a noite jogando no celular.
3º) O aluno apresenta alguma habilidade específica?	Não identifiquei.
4º) Quais são os interesses? (Desenhos, jogos, artes, leitura etc.)	Ele gosta muito de jogar, gosta de jogos.

5º) Quais são as principais dificuldades na disciplina de Língua Portuguesa?	Ainda não observei nenhum
6º) Apresenta alguma facilidade em determinados assuntos da Língua Portuguesa? Se sim, quais?	Ele apresenta facilidade quando está concentrado na atividade que está fazendo.
7º) O aluno sabe e gosta de ler, escrever, pintar e desenhar?	Pelo que eu sei ele gosta muito de desenhar, mas sabe ler e escrever.
8º) O aluno gosta de atividades lúdicas?	Eu acredito que ele não se interessa muito.
9º) Possui facilidade com recortes e colagens? Ou apresenta alguma dificuldade com a coordenação motora?	Ele gosta de recortes e colagens também. Pelo que eu sei, ele não possui dificuldades com a coordenação motora.
10º) Como é a comunicação e a colaboração com a professora de língua portuguesa? Vocês conversam e trabalham em conjunto para solucionar algum problema enfrentado pelos alunos com TEA?	Geralmente, os alunos vêm para o AEE quando é para resolver alguma atividade que o aluno não está conseguindo desenvolver em sala, é mais no período de prova. A comunicação acontece para falar mais da dificuldade do aluno com relação a algum trabalho ou assunto, aí me explica qual conteúdo ou atividade.

Fonte: Autoras da pesquisa, 2023.

Em síntese, por meio do resultado, cultivamos uma percepção significativa através das respostas produzidas em conhecer mais profundamente as particularidades do participante intitulado como aluno A. Uns dos primeiros aspectos identificados foi sua ligação com jogos, utilizamos essa informação para planejar a aplicação do *Lapbook*, com o intuito de priorizar a aprendizagem significativa, por meio da integração de um novo conhecimento que seria exposto: a construção da ferramenta, com o que já estava presente na estrutura cognitiva do aluno, que são os jogos, proporcionando assim uma experiência de aprendizagem mais eficaz e relevante.

Entretanto, notamos um certo empecilho em seu aprendizado em virtude do uso exagerado do celular, o que pode ocasionar um problema em sua saúde, como a constância de um sono inadequado. No momento da entrevista conversamos com a professora sobre isso, então, ela nos respondeu que iria entrar em contato com os pais para averiguar melhor esse fato.

Outro ponto observado, foi seu interesse por desenhos, algo que implementamos por meio das atividades interativas, ao unir o desenho com a escrita

como forma de estimular a interpretação e compreensão do conto João e Maria. De outra forma, embora a professora não tenha identificado nenhuma habilidade específica, o aluno demonstra facilidade em atividades que demandem concentração, ou seja, seu desempenho pode ser mais eficiente quando realiza atividades ligadas ao seu nível de interesse.

Por fim, não foi possível identificar as dificuldades do aluno na disciplina de língua portuguesa através da professora do AEE, mas, em contrapartida, mesmo com a resposta negativa acerca do gosto do aluno por atividades lúdicas, identificamos que ele não possui dificuldades com a coordenação motora e apresenta interesse com recorte e colagens, característica importante para o trabalho com o *Lapbook*.

Outra questão analisada, é a comunicação entre a professora do AEE e do ensino regular, que não trabalham em conjunto de uma forma mais detalhada para produzir materiais adaptados e suprir certa dificuldade do aluno, pois, observa-se que a sala do AEE é utilizada para reforçar o assunto que o aluno não aprendeu na sala de aula, no horário de determinada disciplina.

Contudo, a professora do AEE não possui uma especialização voltada para todas as disciplinas, o que pode dificultar ainda mais o entendimento do aluno no assunto. Conseqüentemente, esse papel colaborativo é muito importante, pois a união e articulação entre as especialidades das duas professoras promoverá um ensino inclusivo na prática.

Na continuidade da coleta de dados, conduzimos um levantamento específico sobre o aluno B, designado assim nesta pesquisa, como será detalhado a seguir:

Tabela 4 – Entrevista com a professora do AEE sobre o aluno B.

PERGUNTAS	RESPOSTAS
1º) Quais são as características principais do aluno?	Ele fala muito e é bastante desconcentrado, perde a paciência rápido também. Quando ele não gosta de algo é muito difícil ele fazer e fica irritado.
2º) Quais são as principais dificuldades?	Acredito que seja a falta de concentração nas coisas.
3º) O aluno apresenta alguma habilidade específica?	Ele gosta muito de desenhar no celular, faz uns desenhos bem bonitos, aqueles digitais. Ele tem facilidade com isso.
4º) Quais são os interesses? (Desenhos, jogos, artes, leitura etc.)	Desenho e artes.

5º) Quais são as principais dificuldades na disciplina de Língua Portuguesa?	Na escrita, ele não gosta da letra dele.
6º) Apresenta alguma facilidade em determinados assuntos da Língua Portuguesa? Se sim, quais?	Possui algumas dificuldades pelo fato de não gostar da disciplina.
7º) O aluno sabe e gosta de ler, escrever, pintar e desenhar?	Ele sabe ler e escrever, mas gosta muito de pintar e desenhar.
8º) O aluno gosta de atividades lúdicas?	Ele gosta, gosta de jogos e gosta muito de usar o computador também.
9º) Possui facilidade com recortes e colagens? Ou apresenta alguma dificuldade com a coordenação motora?	Ele não tem dificuldades na coordenação motora, mas não sei dizer se ele tem facilidade com colagens e recorte.

Fonte: Autoras da pesquisa, 2023.

Os dados obtidos a partir da entrevista sobre o aluno B, ampliaram ainda mais nossa percepção. Inicialmente, identificamos uma certa diferença na personalidade do aluno B com o outro, pois ele apresenta uma falta de concentração maior ligada a uma irritabilidade em atividades que não são do seu interesse. Desse modo, seguimos com o nosso planejamento em introduzir características de jogos relacionados ao *lapbook*, visto que é um traço em comum com o aluno A, como também o interesse por desenhar, sendo uma de suas principais habilidades. Fortalecendo ainda mais a estratégia de empregar nas atividades interativas o uso de desenhos junto com a escrita, como forma de produzir um incentivo maior em escrever, devido ao seu descontentamento com sua caligrafia.

Ademais, mesmo não havendo informações concretas sobre seu interesse por colagem e recortes, o aluno apresenta um interesse por atividades lúdicas e não apresenta dificuldades na coordenação motora.

Em virtude dos fatos mencionados, as duas entrevistas aplicadas à professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE) revelaram dados imprescindíveis sobre os alunos, enriquecendo significativamente nossa compreensão de seus interesses, necessidades e desafios. Dessa maneira, objetivamos em nossa prática a articulação dos interesses dos alunos com o gênero textual João e Maria, o caminho essencial para uma verdadeira aprendizagem significativa, dentro de um ensino

inclusivo e adaptado que considere as particularidades e os aspectos dos educandos que compõem o âmbito escolar.

6.3 Análise e discussão da entrevista com o aluno A e B:

Após a realização das entrevistas com as professoras, entrevistamos os dois alunos para conhecê-los, nos apresentar e apresentar o projeto de forma inicial. Diante disso, realizamos algumas perguntas principais sobre seus interesses e gostos, as perguntas foram influenciadas pelos dados obtidos com as professoras nas entrevistas.

Os alunos eram bastante objetivos nas suas respostas, que em maior parte foram afirmativas. Além disso, através da entrevista conseguimos uma informação importante por meio do aluno A, que demonstrou um grande interesse pelo jogo *Roblox*. A partir dessa informação, decidimos incluir os cenários e personagens do jogo na história do “João e Maria”, um conto conhecido por eles. Utilizamos o conto da Editora Le Livros e construímos as imagens relacionadas ao jogo. Para isso, produzimos um pequeno livro adaptado para a aplicação do *lapbook*, como forma de prender a atenção dos dois alunos em um universo familiar para eles, com objetivo de gerar melhores resultados na sua aprendizagem.

6.4 Análise e discussão da aplicação do *Lapbook*

A aplicação da ferramenta didática “Lapbook” ocorreu em dois dias distintos, 24 e 26 de outubro de 2023, realizado na sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE). Desse modo, tivemos o acompanhamento da professora do AEE e da professora de Língua Portuguesa, que não pode ficar até o final, pois estava em aula. Utilizamos os dois horários da aula de português, onde a professora liberou os dois alunos para participarem.

Para realizar o processo da intervenção, optamos por utilizar um *lapbook* de autoria própria contendo o assunto a ser abordado: gênero textual conto de fadas “João e Maria”. Esse *lapbook* foi dividido em três partes estratégicas do assunto, a primeira parte continha o conceito de gênero textual, os tipos de gênero textual e as características de um enredo, todos esses elementos estavam inseridos no *lapbook* de forma interativa. A segunda parte, apresentava um pequeno livro do conto João e

Maria adaptado ao jogo *Roblox* (Apêndice B), dentro de um bolso personalizado de papel. A última parte apresentava os diferentes tipos de contos.

É importante ressaltar que o assunto gênero textual já fazia parte da construção cognitiva dos alunos, pois foi ensinado pela docente durante as aulas de língua portuguesa deste ano de forma breve e no ano passado, mas de uma forma detalhada através do livro didático.

Figura 3 – Parte externa e interna do *lapbook* criado pelas pesquisadoras:



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Figura 4 – Elementos interativos do *lapbook*:



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

O *lapbook* que nós produzimos e apresentamos aos alunos, caracteriza-se como um “Organizador prévio”, pois, nesse contexto, funciona como um meio para relacionar o conteúdo presente na estrutura cognitiva do aluno: “gênero textual”, a fim prepará-lo para novos conhecimentos e atividades a serem desenvolvidas, isto é, a construção de um *lapbook* pelo estudante e a resolução das atividades interativas de interpretação do conto.

Partindo desse ponto, Moreira (2006) afirma que “Organizadores prévios são materiais introdutórios apresentados antes do material a ser aprendido em si.” Posto isto, os educandos ao interagir com o nosso *lapbook*, terão um primeiro contato com a ferramenta que servirá como um guia visual e conceitual para facilitar a compreensão dos alunos, ajudando-os a organizar as informações enquanto eles criam seus próprios *lapbooks* sobre o conto de fadas João e Maria. A partir desse viés, (Ausubel *et al*, 1978, p.144) define que a principal função do *Organizador prévio* “Está em preencher o hiato entre aquilo que o aprendiz já conhece e o que precisa conhecer antes de poder aprender significativamente a tarefa com que se defronta.”

Por conseguinte, é importante salientar que a aplicabilidade desta pesquisa ocorreu de forma separada. O primeiro dia de aplicação ocorreu com o aluno A e o segundo dia com o aluno B.

Para a realização das intervenções, as duas foram separadas em etapas, a primeira etapa consistiu na explicação do conteúdo através do *lapbook* que levamos. Durante esse processo, o estudante teve total liberdade para explorar, ler os conceitos e interagir com o material. Nesse momento, percebemos o aluno curioso e interessado em conhecer a ferramenta.

Figura 5 – Aluno A explorando o *Lapbook* criado pelas professoras



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Na segunda etapa, realizamos a leitura em conjunto com o aluno do conto “João e Maria”. Portanto, liamos uma página e o aluno realizava a leitura da página seguinte em voz alta, a fim de proporcionar um maior foco na compreensão do texto e na leitura, conforme estipulado na habilidade (EF69LP49) da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o ensino fundamental II:

Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2017, p. 159).

Após a leitura, perguntávamos ao aluno sobre seu entendimento, se ele compreendeu a história, a mensagem presente nela, se ele gostou e se tinha alguma dúvida. Desse modo, o educando expressou sua opinião de forma positiva, relatou que compreendeu e conseguiu perceber as temáticas presentes no conto, como aventura, relação entre a família, consequência de certas ações. A partir disso, nossa meta em proporcionar um aprimoramento e oportunizar esse contato com a leitura foi efetuada, visto que a leitura é um mar aberto a inúmeras possibilidades de imaginação e criação, pois a leitura está intrinsecamente ligada à criatividade.

De modo que a aplicabilidade desta ação obteve êxitos nos quais foi possível cultivar no aluno com TEA um ser crítico e participante da sociedade em todas as suas nuances, superando todas as amarras do preconceito e discriminação.

Figura 6 – Professoras lendo o conto em conjunto com o aluno A



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

A terceira etapa foi destinada a iniciar a criação do *Lapbook* pelo educando. Durante esse processo, realizamos o papel de mediadoras, apresentando e explicando a construção de dobrar a cartolina para formar a ferramenta, a fim de promover uma aprendizagem ativa, atuando como um guia, auxiliando os alunos a realizar o processo de exploração e conhecimento. À vista disso, para Tébar (2011, p. 144) “os mediadores são todas as pessoas que organizam com intencionalidade sua interação e atribuem significados aos estímulos que o educando recebe.”

Figura 7 – Pesquisadores auxiliando o aluno A



Fonte: Arquivo pessoal, 2023

Na sequência, disponibilizamos todos os materiais necessários para a personalização e criação, como imagens dos personagens, imagens dos elementos do conto, diferentes títulos, espaço para identificação do autor do material, lápis de cor, caneta colorida, cola e tesoura. O aluno tinha total liberdade para criar o seu *Lapbook* de acordo com sua preferência e gosto, colocando-o no centro da construção do seu conhecimento de forma autônoma, trabalhando sua autoestima e confiança, apresentando seu potencial e sua capacidade de criar e produzir.

Figura 8 – Estudante personalizando o seu lapbook



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Após a personalização da capa, iniciamos a explicação das atividades, avisamos ao aluno que seria feito 4 atividades sobre a interpretação do conto, e o último passo seria a criação do mapa conceitual sobre as impressões e o aprendizado do aluno na dinâmica.

Figura 9 – Professora explicando a atividade 1

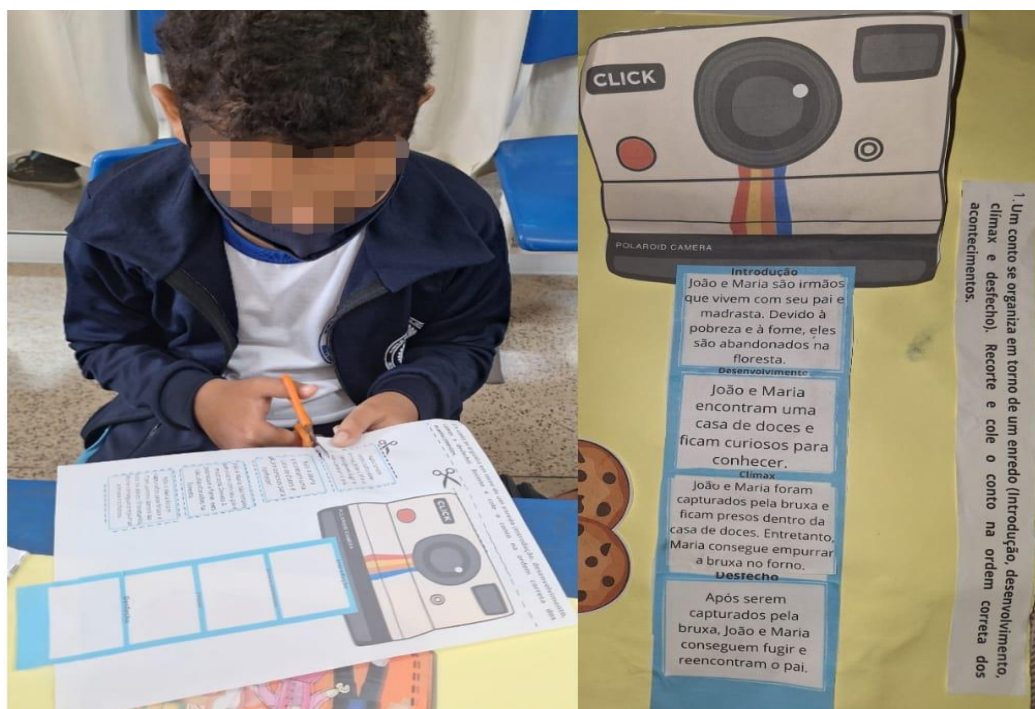


Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

A primeira atividade (Apêndice C) tinha como objetivo desenvolver a compreensão de análise do estudante acerca da estrutura do enredo do conto, a fim de ensinar ao educando a ordem da história de forma lógica e sequencial. Assim sendo, a atividade apresentava 4 quadrados com trechos da história em ordem aleatória, assim, o aluno deveria recortar esses quadrados e organizá-los de acordo com a sequência correta da narrativa: introdução, desenvolvimento, clímax e desfecho.

Tal atividade proposta vai ao encontro da habilidade (EF69LP47) da Base Nacional Comum Curricular, do componente curricular Língua Portuguesa, ensino fundamental - anos finais, que destaca a importância de analisar textos narrativos literários (contos, crônicas, romances etc.) identificando o enredo, os elementos narrativos e as demais características.

Figura 10 – Aluno A realizando a atividade e resultado



Fonte: Arquivo pessoal, 2023

No que tange ao desempenho do aluno nessa atividade, o aluno A conseguiu realizar de forma correta. Contudo, durante a execução ele apresentou algumas dificuldades relacionadas a identificar o clímax do conto. Diante disso, auxiliamos o aluno explicando novamente o que caracteriza um clímax, a partir disso ele conseguiu

relacionar o trecho e colá-lo na parte correta. Sendo assim, buscamos florescer as habilidades de interpretação para produzir o domínio de articulação e posicionamento.

Na sequência, a segunda atividade (Apêndice D) tinha como propósito principal identificar os sentimentos presenciados por João e Maria no momento em que foram abandonados na floresta. Unindo o desenho com a escrita, os alunos deveriam desenhar no rosto do personagem os três sentimentos e escrevê-los abaixo.

Dessa maneira, este exercício visa aprofundar a compreensão emocional dos personagens, incentivando a empatia e o envolvimento dos alunos com a história, pois o educando percebe as perspectivas emocionais e participa de uma imersão mais rica de leitura compreendendo não só o que está acontecendo, mas o que os personagens estão sentindo em determinados momentos, ampliando suas habilidades emocionais.

Durante a execução da atividade, o aluno não apresentou grandes desafios, ele conseguiu expressar os sentimentos presenciados pelos personagens tanto no desenho quanto na escrita. Após a conclusão, o aluno montou a atividade interativa e fixou no *Lapbook*.

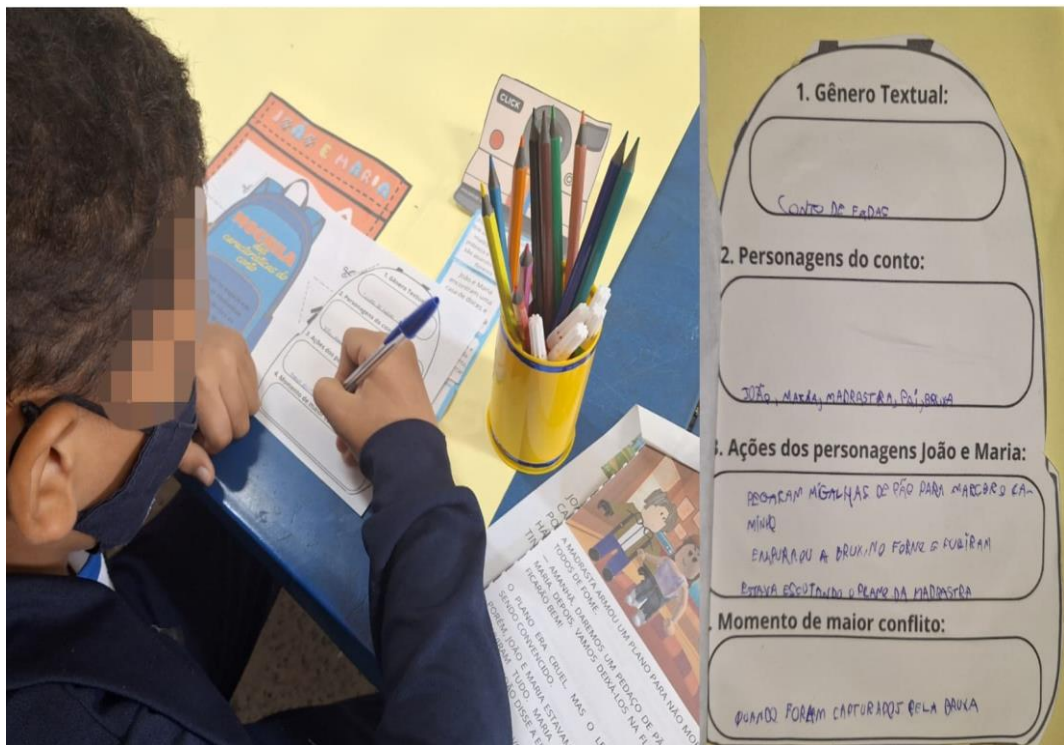
Figura 11 – Aluno A produzindo a atividade 2



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

A terceira atividade “Mochila das características do conto” (Apêndice E) consistia em 4 perguntas principais: Qual o gênero textual, quais os personagens do conto, quais foram as ações de João e Maria, qual o momento de maior conflito. Posto isto, o foco principal era aprimorar a habilidade de interpretação, ajudando os alunos a compreender os elementos essenciais do conto de forma mais completa. Ainda nessa atividade, o aluno A não apresentou dificuldades, visto que já tinha uma compreensão mais aprofundada dos elementos do conto, obtida através da primeira atividade realizada anteriormente.

Figura 12 – Aluno realizando a terceira atividade e resultado obtido



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

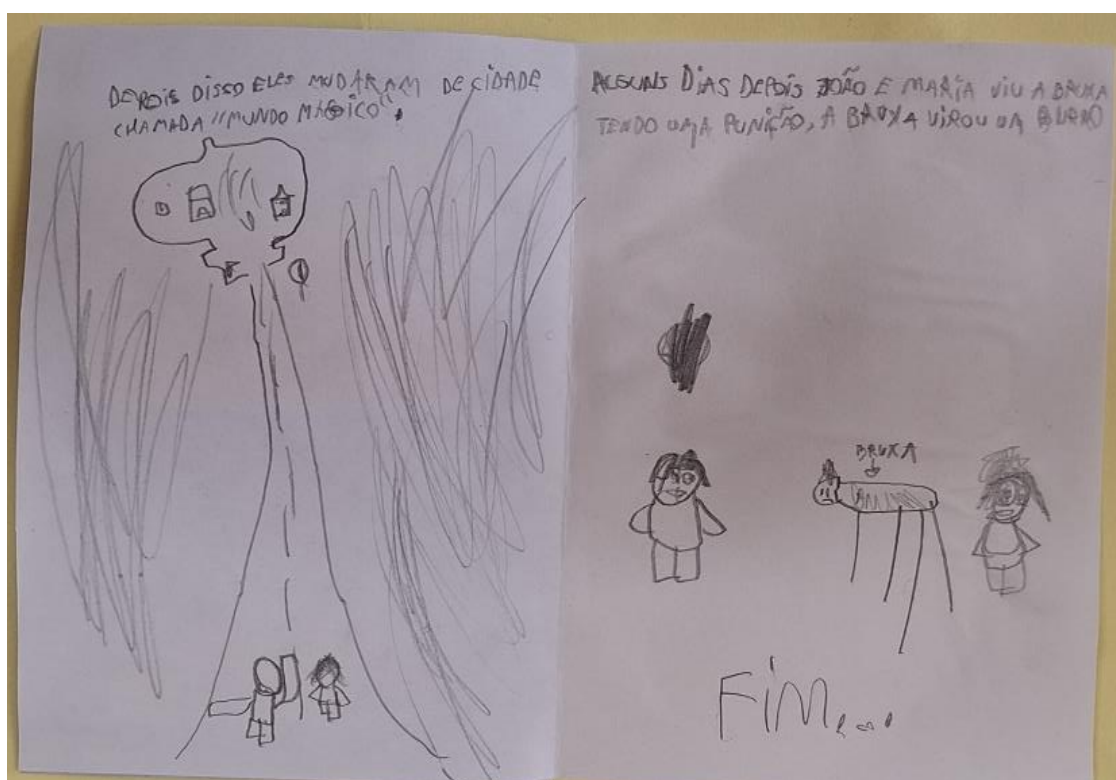
A última atividade proposta (Apêndice F), foi a produção da continuação do conto. Nesta, o aluno foi encorajado a desenhar e escrever o que os personagens João e Maria fizeram após o final da história. Essa atividade buscou promover a criatividade e a capacidade dos alunos de expandir a narrativa através do seu ponto de vista. Nesse sentido, a versão produzida pelo aluno apresentou uma imaginação fértil e criativa, em escrever sobre os personagens viajarem para um mundo mágico, assim como, a presença de uma reviravolta inesperada, adicionando um elemento de justiça no momento em que a bruxa vira um burro, como forma de punição.

Figura 13 – Aluno A desenvolvendo a atividade 4



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Figura 14 - Continuação do conto criado pelo aluno



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

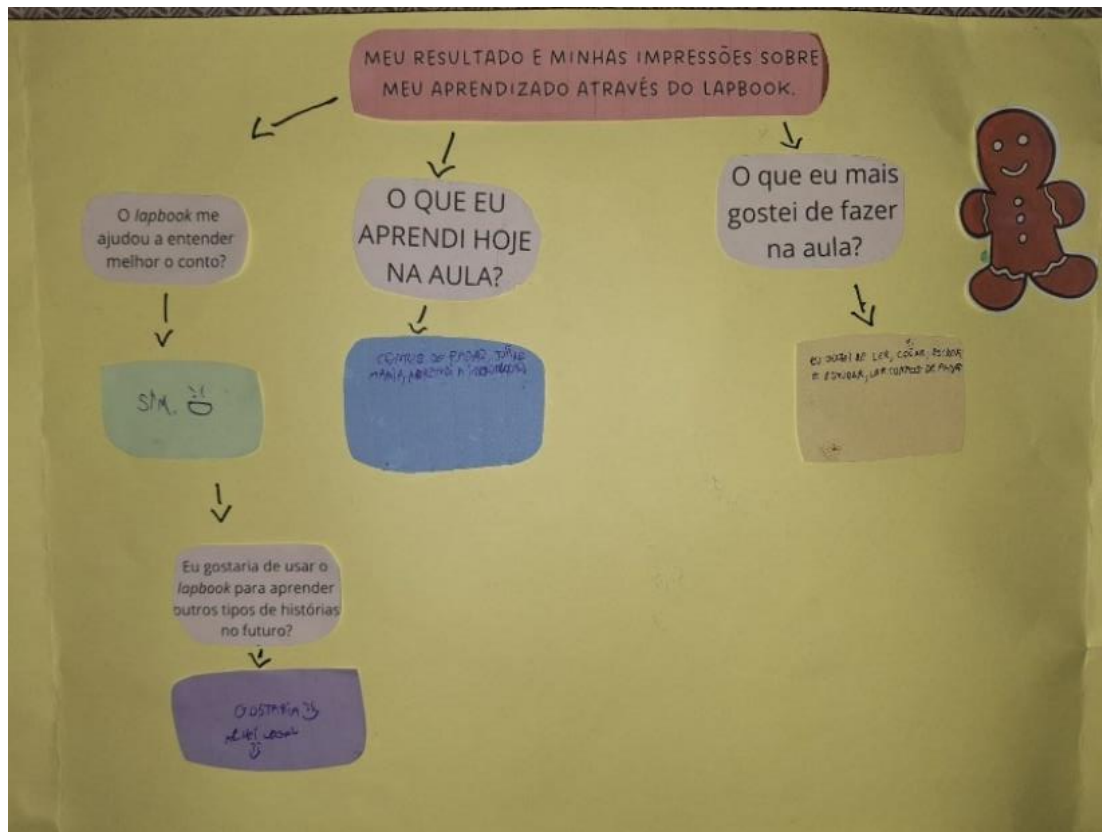
Por fim, a última etapa da aplicação foi a criação do “Mapa Conceitual” (Apêndice G), com o objetivo de proporcionar ao educando uma autorreflexão e autoavaliação. Neste mapa, foram inseridas 4 perguntas reflexivas acerca de suas impressões sobre o aprendizado e a experiência da aula. Portanto, o aluno respondia a partir de sua opinião, facilitando a organização e a compreensão dos conceitos aprendidos na aula. Após anexar no *Lapbook*, o aluno ligava os tópicos através de setas para formar o mapa.

Figura 15 – Aluno A criando o mapa conceitual



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

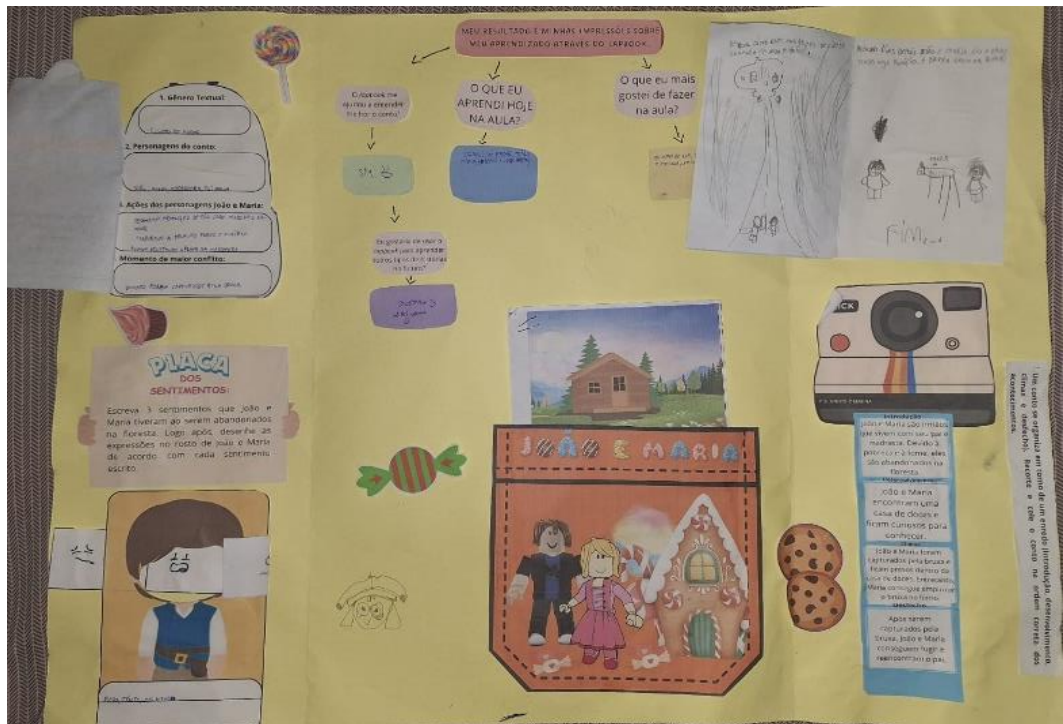
Figura 16 - Mapa conceitual criado pelo aluno A



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

O mapa conceitual produzido pelo aluno apresentou resultados positivos. A partir dele conseguimos identificar os conhecimentos absorvidos, sua opinião sobre a experiência, incluindo seu nível de satisfação, disposição para repetir a produção da ferramenta e aspectos específicos que mais o cativaram durante a aula. Essa base foi fundamental no processo de conhecimento e identificação pessoal, a partir de um incentivo à reflexão ao aprendizado e impressão do aluno sobre a aula.

Figura 17 – Resultado final do Lapbook criado pelo aluno A



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

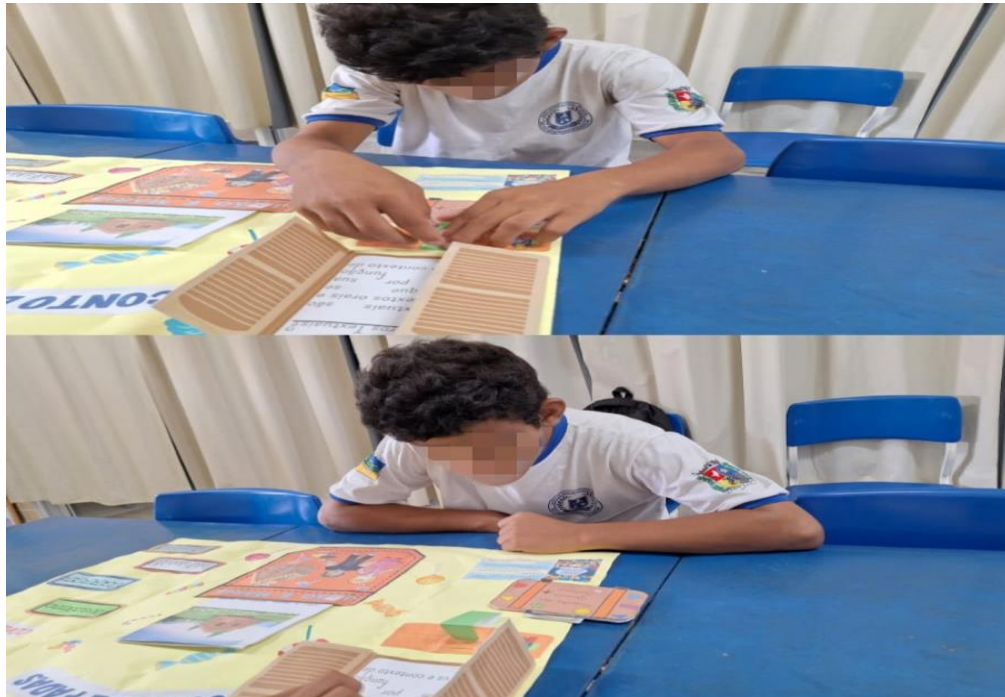
Figura 18 – Pesquisadoras, professora do AEE e o aluno no final da aplicação



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

A segunda aplicação ocorreu no dia 26 de outubro de 2023, com a participação do aluno B. Para começar, apresentamos a ferramenta e explicamos detalhadamente ao aluno as etapas da aula. Durante esse primeiro contato, notamos um interesse genuíno do aluno pelo *Lapbook*, o qual ficou curioso ao se deparar com algo novo.

Figura 19 – Aluno B interagindo com o *lapbook* das professoras



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Após apresentar a ferramenta, iniciamos a leitura do conto em conjunto, durante esse processo, proporcionamos total liberdade ao aluno de se expressar a partir de perguntas e comentários sobre o conto. Proporcionando um ambiente aberto e colaborativo, para o aluno se sentir à vontade em compartilhar suas impressões e dúvidas.

Figura 20 – Professoras lendo o conto junto com o Aluno B



Fonte: Arquivo pessoal, 2023

Na sequência, entregamos a cartolina ao aluno para iniciar o processo de criação do *lapbook*. Durante esse momento, notamos o aluno focado e engajado no processo de produção e personalização.

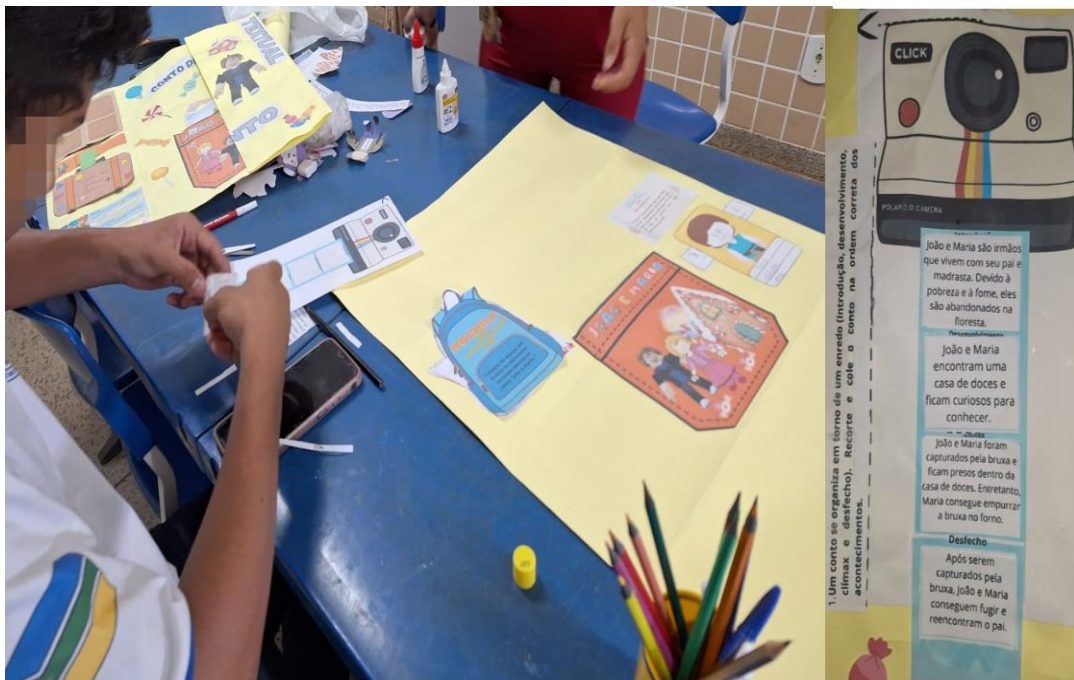
Figura 21 – Aluno B criando o seu *lapbook*

Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Depois de criar a capa e a estrutura da ferramenta, iniciou-se as etapas da realização das atividades interativas. Logo, entregamos a primeira atividade ao aluno e explicamos o objetivo dela. Esta atividade foi planejada com o intuito de desenvolver a interpretação textual e promover a identificação do enredo. O educando deveria colar os quadrados em seus respectivos lugares, relacionando a introdução, desenvolvimento, clímax e desfecho.

Nesta atividade, o aluno não apresentou dificuldades de compreensão, pois conseguiu relacionar os quadrados de formas correta, além de sua agilidade em responder qual trecho era adequado para cada quadrado.

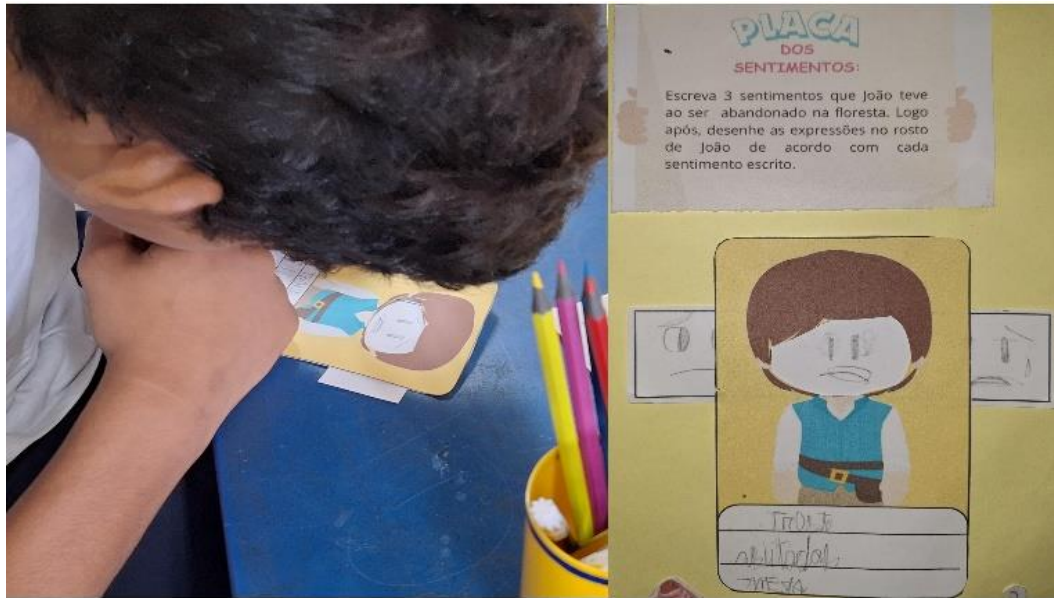
Figura 22 – Aluno B realizando a primeira atividade e resultado da atividade



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Na atividade seguinte, o aluno apresentou algumas dificuldades em identificar os três sentimentos de João e Maria no momento em que foram abandonados. Para conseguir escrevê-los, tivemos que explicar novamente o trecho do conto. A partir desse retorno ao trecho, o educando conseguiu definir os três sentimentos, bem como desenhá-los. Notou-se, também, alguns erros gramaticais presentes na escrita do aluno, isso pode ser refletido através do seu descontentamento com sua caligrafia, pois uma boa escrita se baseia no processo de leitura e produção textual. Dessa maneira, atividades que estimulem a escrita e leitura são essenciais para a superação dessa dificuldade.

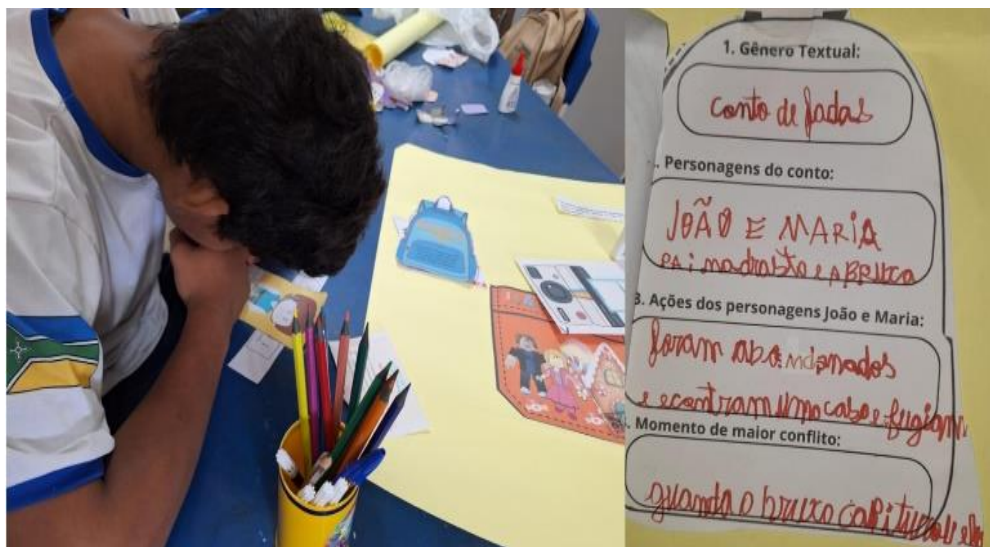
Figura 23 – Aluno B realizando a atividade e resultado da atividade



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

A terceira atividade teve como objetivo identificar os elementos do conto. Durante a execução, o aluno conseguiu realizar a atividade de forma correta. No entanto, é relevante mencionar que o educando enfrentou desafios na parte escrita, manifestando dificuldade ao não saber como escrever as palavras "Capturados" e "Abandonados". Diante disso, ajudamos e apresentamos a forma correta das palavras.

Figura 24 – Terceira atividade realizada pelo aluno B



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

A próxima atividade envolveu o uso de desenho e imaginação por meio da continuação de uma história. Durante esse momento, o educando foi instigado a imaginar e elaborar uma continuação para o conto. Por conseguinte, o aluno criou sua

versão, ele nos explicou que imaginou o João e Maria, após tudo que passaram, vivendo uma vida normal, brincando como crianças comuns.

A partir disso, podemos perceber uma compreensão social do aluno, na medida em que ele percebeu os desafios e sofrimentos enfrentados pelos personagens durante o conto e criou uma continuação baseada no cuidado e bem-estar desses personagens, refletindo uma compreensão profunda em garantir que as crianças desfrutem de uma infância livre de qualquer exploração e violência. Isso revelou um pensamento consciente de preservar um ambiente propício para as crianças.

Figura 25 – Última atividade produzida pelo aluno B

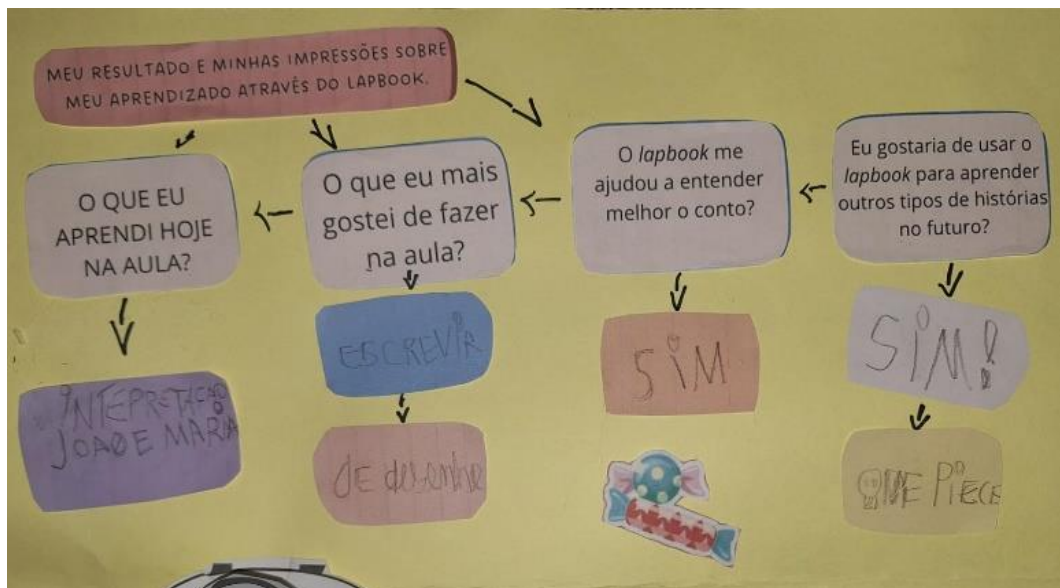


Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Por meio do mapa conceitual criado pelo aluno B, conseguimos extrair as impressões sobre a satisfação do aluno com a produção do *Lapbook* e identificar o que ele mais absorveu da aula. Dessa forma, o educando se posicionou de forma positiva sobre o auxílio efetivo da ferramenta em entender melhor o conto, em desenvolver a escrita atrelada ao desenho e o desejo de produzir um outro *Lapbook*, mas com um novo tema.

Em suma, o mapa conceitual possibilitou ao aluno se posicionar através de uma estrutura visível, desenvolvendo a habilidade de autoanálise e questionar o cenário em que se encontra, onde futuramente ele poderá repetir essa ação, que o ajudará a entender o seu processo de ensino em identificar o que está aprendendo e para qual finalidade. Logo, consideramos os objetivos propostos, alcançados.

Figura 26 – Mapa mental do aluno B



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Figura 27 – Lapbook final do aluno B



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Ao analisar o desempenho da aplicação para os dois alunos, tornou-se claro que a partir do processo de criação do *Lapbook*, conseguimos promover uma

aprendizagem significativa engajada no desenvolvimento do aluno, a partir de uma aplicação ativa do conhecimento prévio do educando, pois a ferramenta apresentou uma forma organizada das informações que o aluno já possuía, integradas com o novo conhecimento adquirido durante o processo da aplicação. Fortalecendo os conhecimentos “subsunçores” dos alunos.

Dessa forma, os educandos produziram dois *Lapbooks* únicos e com a personalidade de cada um, inseridos em um ensino baseado no aluno, valorizando suas habilidades e explorando seu potencial, pois buscamos capacitá-los como ser ativos. Produzindo, nesse sentido, a aprendizagem significativa, articulando um material potencialmente significativo e a disposição dos estudantes para aprender, que ao final demonstraram uma grande satisfação com que haviam produzido.

As atividades interativas e toda a produção buscou romper com uma aprendizagem baseada apenas em textos repetitivos e de transmissão mecânica, sem um espaço propício para o despertar da criatividade e imaginação. Superando qualquer preconceito excludente e rotulação do aluno com TEA como um indivíduo inferior e limitado. Em contrapartida, vivenciamos dois alunos com capacidades notáveis, e que apenas precisavam de um ambiente benéfico para seu florescimento.

6.5 Análise e discussão da entrevista final com a professora de Língua Portuguesa sobre a aplicação do *Lapbook*.

A entrevista realizada com a professora de língua portuguesa, ocorreu após a aplicação do *Lapbook*. Durante a entrevista, a docente pode retratar sua opinião e tecer reflexões acerca do tema. A seguir, estão dispostas as 6 perguntas que foram apresentadas:

Tabela 5 – Entrevista realizada com a professora de Língua portuguesa

PERGUNTAS	RESPOSTAS
1º) Você já conhecia a ferramenta <i>lapbook</i> ? O que acha sobre?	Eu não conhecia a ferramenta, achei super acessível, né, porque a gente sabe da realidade da escola, que às vezes não tem muito recurso, mas é algo que é simples de trabalhar, prático, econômico, é possível. Mas, quando a gente tem 50 alunos em uma turma é bem desafiador fazer vários planejamentos e pensar em cada aluno, mas a gente tenta no decorrer do ano. A gente vai conhecendo e explorando, da melhor forma, o potencial deles.
2º) Qual foi sua impressão geral sobre a aplicação do <i>lapbook</i> para os alunos autistas?	Eu achei necessário, fica como reflexão pra mim, mesmo eu falando que é desafiador pensar em vários planejamentos, a gente tem que fazer algo que realmente seja diferenciado, não dá pra ser igual pra todo mundo, não dá pra pensar que todo mundo vai responder daquela forma.
3º) Você utilizaria o <i>lapbook</i> em suas aulas?	Sim, usaria sim.
4º) Na sua opinião, os alunos desenvolveram um aprendizado mais eficaz na interpretação do conto por meio das atividades interativas e pela criação do <i>lapbook</i> ? O que você achou do desempenho dos alunos?	Eu acho que eles interagiram bem, exploraram bem. Foi muito mais produtivo do que tivesse feito uma atividade só escrita, com certeza!
5º) A partir das atividades propostas, quais aspectos do <i>lapbook</i> você acredita que contribuíram para o progresso do aluno? Leitura, escrita e/ou comunicação?	Olha, eu acho que a leitura e escrita, eu vi que eles se interessaram muito por ser também diferente e também direcionado, porque muitas vezes esses alunos na sala, eles deixam de fazer algo porque não chama atenção deles e, também, às vezes, porque eles não entenderam, eles precisam às vezes de alguém que esteja no lado. Então, foi positivo também porque foi algo direcionado, talvez na sala de 40 alunos eles tenham mais dificuldades. O direito do aluno autista era ter o professor do lado dele, mas na realidade eles não são assistidos dessa forma, por falta de profissional suficiente.
6º) Você acha que o aluno, quando cria um material próprio e personalizado, ele desenvolve uma maior autonomia e protagonismo no ensino de uma forma significativa?	Sem dúvida! Esse é o nosso papel né? De colocar o aluno como protagonista da história dele, a produção do aluno é o que mais importa, o maior objetivo da língua portuguesa é esse mesmo, é fazer esse aluno se comunicar da melhor forma possível, dentro das suas possibilidades, é isso que eu faço e tento explorar ao máximo.

Fonte: Autoras da pesquisa, 2023.

A partir das impressões da professora durante a entrevista, tivemos pontos essenciais a serem discutidos. Notamos que a professora não conhecia a ferramenta, mas que achou acessível, enfatizando ser um material simples e econômico, e que ela utilizaria em suas práticas.

Contudo, a mesma faz pontuações sobre sua dificuldade frente ao cenário de diversidade presente na sala de aula, com 50 alunos precisando de atenção. Nesse sentido, acreditamos que o *Lapbook* é produtivo para auxiliar nessa problemática, na medida em que ele pode ser trabalhado em grupo, não limitando ao um trabalho individual, envolvendo, dessa maneira, todos os alunos, visto que cada um poderá desempenhar um papel dentro do grupo, dividindo as tarefas e explorando as habilidades de cada um, como desenho, recorte, colagem e escrita, pois é essencial o docente incluir em suas práticas atividades que envolvam a todos, e que não precisam ser ideias mirabolantes e difíceis de realizar, mas buscar algo que, mesmo simples, seja eficaz. Como enfatizado posteriormente pela professora na entrevista, na qual ela relata que a aplicação do *Lapbook* fica como forma de reflexão, no sentido da necessidade de inclusão no cenário educacional.

No que tange sobre as observações acerca dos *Lapbooks* produzidos pelos alunos com TEA, a professora pontua sobre a exploração desenvolvida pelos educandos e a efetividade do aprendizado em comparação a uma atividade escrita, pois os recursos de imagens e a distribuição de tarefas aumenta o foco e os envolve na prática. Outrossim, em relação aos aspectos desenvolvidos contribuíram para o progresso do aluno, a educadora enfatiza dois, a leitura e a escrita.

A esse viés, ela afirma que os discentes tiveram interesses por ser algo diferente e ter um direcionamento. Também, é salientado pela entrevistada no que se refere a problemática da falta de profissionais suficientes que atenda a grande demanda. Algo preocupante que atinge as escolas, principalmente as de periferia. Destarte, o trabalho colaborativo com todos pertencentes ao âmbito escolar é uma alternativa que pode ajudar a enfrentar esses desafios.

Figura 28 – Professora de português observando o *Lapbook* dos alunos



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Por fim, na última pergunta sobre o aluno criar materiais personalizados que o faz desenvolver uma maior autonomia e protagonismo no ensino significativo, a educadora acentua a relevância de capacitar o aluno como protagonista, sendo um dos papéis principais em que um docente desempenha, o de colocar o aluno no centro do seu ensino, buscar ferramentas que proporcione esse florescimento e o guie pelo melhor caminho da aprendizagem.

6.6 Análise e discussão da entrevista final com a professora do Atendimento Educacional Especializado sobre a aplicação do *lapbook*.

A entrevista feita com a professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE) foi realizada através de 5 perguntas após aplicação do projeto, as respostas exerceram o papel de *feedback*, a fim de verificar suas impressões com relação a produção do *Lapbook* dos alunos, sobre a proposta que trouxemos e recursos utilizados na sala de atendimento. A seguir, estão as perguntas que foram apresentadas a participante:

Tabela 6 – Entrevista final com a professora do AEE

PERGUNTAS	RESPOSTAS
1º) Quais são os tipos de atividades e recursos pedagógicos acessíveis que você utiliza com esses alunos aqui no atendimento AEE?	É muito escasso, a escola não disponibiliza recursos, e eles levam só o livro e o trabalho, a sala serve mais para reforço quando eles estão com dificuldades, principalmente na matéria de matemática que acham mais difícil. Quando eles terminam, eu verifico se está tudo certinho.
2º) Você já conhecia a ferramenta <i>lapbook</i> ? Quais suas impressões?	Não, mas gostei, achei que os alunos conseguiram desenvolver bem as atividades, gostei dos desenhos e criatividade.
3º) Você utilizaria essa ferramenta didática e acessível em sua prática com os alunos autistas?	Com certeza, mas demanda tempo e material, e os alunos só vem pra sala na hora da aula daquela disciplina, então seria difícil produzir em cima de algum conteúdo, antes já tentamos fazer com que os alunos viessem no contra turno, mas não apareciam, as mães diziam que esqueciam ou que os alunos dormiam, etc., por isso eles só vem no horário de aulas deles agora.
4º) Na sua opinião, os alunos desenvolveram um aprendizado mais eficaz na interpretação do conto por meio das atividades interativas e pela criação do <i>lapbook</i> ? O que você achou do desempenho dos alunos?	Com relação ao desenvolvimento deles eu achei o máximo, eu já esperava que o João fosse fazer um bom trabalho, só tava com medo das ideias dele serem amplas e não conseguisse se concentrar, agora o Lucas eu ainda não tinha visto esse lado criativo com relação a produção dele porque faz muitos trabalhos de respostas, mas percebi que ele conseguiu desenvolver um bom trabalho. Mas ambos conseguiram produzir.
5º) Você acredita que quando o aluno produz seu próprio material personalizado, ele desenvolve autonomia e protagonismo no ensino de forma significativa?	Sim, quando o aluno cria alguma coisa, a aprendizagem é maior e dá uma motivação de pensar que tem capacidade de produzir algo sem limitação.

Fonte: Autoras da pesquisa, 2023.

À vista disso, observa-se que a sala do AEE tem sido utilizada como sala reforço para os alunos autistas no horário de aula de determinada disciplina dependendo da sua dificuldade.

Observa-se também que a comunicação entre a professora do AEE e do ensino regular não é totalmente efetiva de modo que as mesmas não trabalham em conjunto vislumbrando maneiras acessíveis de ensinar o aluno. Além disso, a escola não oferta recursos pedagógicos para facilitar o ensino.

Em contrapartida, o *Lapbook* é uma ferramenta didática que a professora utilizaria com os alunos para ensinar os conteúdos, pois percebeu que os alunos elaboraram um trabalho bem produzido e que aprenderam melhor de forma lúdica. A docente mostrou interesse em utilizar a ferramenta com os demais alunos que atende, mas que há empecilhos devido à escassez de material e tempo

Figura 29 – Professora analisando o lapbook dos alunos



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Por fim, houve impacto nesta conversação, visto que os profissionais da educação demonstram interesse em ferramentas de ensino didáticas que facilitam e estimulam o aprendizado dos alunos explorando suas habilidades, no entanto, enfrentam barreiras para que esses recursos se concretizem na escola.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar ao ponto culminante desta pesquisa, é fundamental refletir sobre os procedimentos relevantes que nortearam este trabalho. O alcance dos objetivos propostos neste estudo fornece uma visão esclarecedora sobre a utilização da ferramenta didática *Lapbook*, destacando não apenas as características dos alunos com TEA na visão da professora de Língua Portuguesa e a do AEE, mas também o desenvolvimento e resultados satisfatórios produzidos pelos educandos durante a criação da ferramenta, inserindo-os em uma aprendizagem significativa.

Ao revisitarmos os objetivos que foram traçados no início desta pesquisa, conclui-se êxito em cada um, na medida em que a investigação através de entrevistas realizadas com as professoras dos alunos, apresentaram uma base sólida para a formulação do *Lapbook*, a partir do conhecimento das especificidades dos alunos e do seu desenvolvimento pedagógico, considerando suas dificuldades e habilidades, haja vista que é essencial os docentes cultivarem dentro de si o objetivo e o olhar para o aluno com TEA em sua total forma, reconhecendo-os como indivíduos ativos e legitimando suas capacidades.

Os resultados obtidos por meio da aplicação do gênero textual conto de fadas “João e Maria” através do *Lapbook* como ferramenta didática, não apenas revelaram uma maior compreensão interpretativa do conto e de seus principais elementos, mas também a promoção de um aluno autônomo, crítico, reflexivo e engajado no seu aprendizado, articulando seus saberes prévios para contribuir e fortalecer a criação de novos conhecimentos. Validando as concepções teóricas de David Ausubel acerca da aprendizagem significativa no processo de ensino.

Ao longo desta pesquisa, priorizamos a individualidade, reconhecendo que as nuances de suas características foram fundamentais na adaptação e personalização da aplicação da ferramenta para atender às suas necessidades. Dessa forma, a escolha de utilizar o jogo *Roblox* como temática participativa da produção do *Lapbook*, resultou em um maior foco e animação do estudante pelo ensino e pelo material potencialmente significativo, organizando os conhecimentos de forma clara e objetiva respeitando seu nível cognitivo.

Nesse sentido, a pesquisa confirmou a eficácia do *Lapbook*, pois ao compor espaços disponíveis para recursos visuais e propício à produção expressiva do aluno, promoveu maiores benefícios para o seu ensino e aprendizagem.

Outrossim, tornou-se claro o reconhecimento das professoras e seu interesse em utilizar o *Lapbook* em suas aulas, por ser uma ferramenta facilitadora e estimulante. O processo deste estudo proporcionou às educadoras reflexões sobre a importância de um ensino que atenda a todos.

Contudo, é importante ressaltar as complexidades e empecilhos enfrentados para a utilização da ferramenta, refletidos a partir das entrevistas com as professoras e das reflexões das pesquisadoras diante das diferentes realidades presentes nas escolas brasileiras.

Partindo desse pressuposto, a falta de materiais básicos disponíveis nas escolas, o grande número de alunos em uma sala de aula e a falta de profissionais do Atendimento Educacional Especializado, são alguns dos fatores que dificultam um ensino significativo voltado para o desenvolvimento do aluno com TEA e de seu suporte necessário, pois por mais que o *Lapbook* utilize materiais econômicos e acessíveis, alguns cenários ainda são bem precários, com a falta do mínimo para o desenvolvimento criativo do aluno.

Dessa forma, possibilitar um espaço propício ao aprendizado vai além apenas da vontade do professor, haja vista que sem estrutura e apoio fica muito mais difícil trabalhar o conhecimento de formas diversificadas.

A ponte entre a teoria e a prática apresentada através deste estudo, exhibe não apenas a aplicabilidade das ideias discutidas, mas também sugere possíveis descobertas para futuras investigações acerca do *Lapbook* como ferramenta didática para alunos com TDAH e com baixa visão, pois o engajamento interativo, a riqueza de figuras, estímulos táteis, imagens ampliadas e com contraste de cores, são elementos favoráveis para o desenvolvimento desses alunos, oportunizando sua expressão de ideias de forma criativa e motivadora, visto que a grande relevância do *Lapbook* está em proporcionar um ensino adaptado para atender às necessidades específicas de cada aluno.

Ademais, esta ferramenta versátil pode ser utilizada para promover a interdisciplinaridade no ensino, pois ela permite que os alunos explorem diferentes temas e disciplinas de forma integrada, além da colaboração entre os alunos, podendo trabalhar juntos para criar o *Lapbook*, compartilhando suas ideias e conhecimentos.

Destarte, o uso de ferramentas didáticas promove um compromisso efetivo com a emancipação cognitiva e emocional dos alunos com TEA. Proporciona um olhar mais humano para lidar com as barreiras que serão encontradas, pois a relação entre

professor e aluno não deve ser mecanizada, mas focada em respeito, empatia e parceria. Contribuindo para o enriquecimento dos educandos, oferecendo-lhes não apenas aprendizado, mas uma via para a expressão autêntica e desenvolvimento de suas potencialidades de forma significativa.

REFERÊNCIAS

AMERICAN SYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

AUSUBEL, David P.; NOVAK, Joseph D.; HANESIAN, Helen. **Psicologia educacional**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1978.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. 16. ed. São Paulo: Paz e Terra Grupo Editorial Record, 2002.

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e alteração do § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 28 dez. 2012

BRASIL. Ministério da Saúde. **Transtorno do Espectro Autista (TEA)**. Brasília: Ministério da Saúde, 2014, p. 16.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CAÑAS, L. Á.; MELCÓN, H. M. El Lapbook como experiencia educativa. **Revista Infancia, Educación y Aprendizaje**, León, España, 2017, v. 3, n. 2, p. 245-251.

CUNHA, Eugênio. **Autismo na escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar – ideias e práticas pedagógicas**. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2020.

DAMIANI, M.F. Entendendo o trabalho colaborativo em educação e revelando seus benefícios. [S.l.] **Revista educar**, 2008, p.218.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999, p.128.

GOTTARDI, G.; GOTTARDI, G. G. **Il mio primo lapbook: modelli e materiali di costruire per imparare a studiare meglio**. Trento, Italy: Erickson, 2016, p. 280.

GRAELLS, P. M. **Los medios didácticos y los recursos educativos**. [S.l.]. Departamento de Pedagogía Aplicada, Facultad de Educación, UAB, 2000.

GROSSO, Mônica Faria Rosa Del. **O imaginário em cinderela branca de neve e a bela e a fera**. Goiânia: [s.n], 2012.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura de mundo**. São Paulo: Ática, 1993, p. 7.

LIBERALESSO, Paulo; LACERDA, Lucelmo. **Autismo: compreensão e práticas baseadas em evidências.** Curitiba: Marcos, 2020.

MINAYO, M. C. S. **Técnicas de pesquisa: entrevista como técnica privilegiada de comunicação.** 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010, p. 261- 297.

MOREIRA, Marco. **A teoria da aprendizagem significativa e sua implementação em sala de aula.** Brasília: Universidade de Brasília, 2006, p. 55-155.

MOREIRA, Marco; MASINI, Elcie. **Aprendizagem significativa: A teoria de David Ausubel.** São Paulo: Moraes, 1982.

MYKOLAYIVNA, NA, et al. O lapbook como forma inovadora de organizar atividades de aprendizagem no ensino fundamental. [S.I]. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20952/revtee.v14i33.16698>. Acesso em: 10 mar. 2023.

ORRÚ, Sílvia Ester. **Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar.** Rio de Janeiro: Wak, 2012.

RIBEIRO, Gyulianna Pinheiro. **Aplicação de uma sequência didática de ensino usando a teoria de campos conceituais para o estudo das Leis de Kepler no ensino médio.** Dissertação (Mestrado Profissional Nacional em Ensino de Física) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA, 2020.

SANTOS, Jucenilton *et al.* Gênero do discurso contos de fadas: leitura e escrita na educação infantil. [s.I]. **Revista terceira margem**, 2018, p.79.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **O lúdico na formação do educador.** 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.


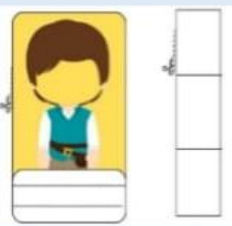



SILVA, Ana; GAIATO, Mayra; REVELES; Leandro. **Mundo singular: entenda o Autismo,** Rio de Janeiro: Fontanar, 2012, p.06.

STYCEL, Katarzyna. Lapbook na biblioteca da escola. [S.I]. **Oficinas: biblioteca na escola**, p. 24-25, 2014.

TÉBAR, L. **O perfil do professor mediador: pedagogia da mediação.** São Paulo: SENAC, 2011.

APÊNDICE A – PLANO DE AÇÃO

PLANO DE AÇÃO	
DESCRIÇÃO	
Instituição:	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá
Pesquisadoras:	Larissa da Silva Nascimento Siqueira, Lourdylene Maria da Luz Silva
Orientador:	Bruno Sérvulo da Silva Matos
Coorientadora:	Suany Rodrigues da Cunha.
Tema:	LAPBOOK como Ferramenta didática aos alunos com TEA visando a aprendizagem significativa.
IDENTIFICAÇÃO LÓCUS/SUJEITOS DA PESQUISA	
Local:	Escola Estadual Professor Antônio Munhoz
Endereço:	Rua Carlos Mariguela, 2101, Conjunto Macapaba.
Turno:	Matutino
Disciplina/Assunto:	Língua Portuguesa/Gênero Textual conto de fadas
Sala para aplicação:	Atendimento Educacional Especializado (AEE)
Estudantes:	Aluno A e Aluno B
Idades:	12 e 14 anos
Especificidade:	Transtorno do Espectro Autista (TEA)
Características e dificuldades:	<p>Aluno 1:</p> <p>Características: Apresenta apreço pelo jogo <i>Roblox</i>, histórias de aventura, leitura e desenhos. Além disso, apresenta interesse em recortes e colagens e não possui dificuldades na coordenação motora. Durante a aula, apresenta dificuldades de concentração devido ao barulho dos seus colegas e, muitas vezes, acaba cochilando durante as aulas devido ao seu envolvimento com jogos de celular durante a noite</p> <p>Aluno 2:</p> <p>Características: Gosta de ciências, jogos, desenhar e ler, embora ele não tenha tanto gosto por escrever, principalmente devido à sua insatisfação com a própria caligrafia. O aluno é bastante comunicativo, porém, tem uma tendência à irritabilidade fácil, além de ter pouca paciência e dificuldades de concentração.</p>
ORGANIZAÇÃO DA APLICAÇÃO	
Gênero Textual:	Contos de fadas: João e Maria
OBJETIVOS:	<p>Introduzir o conteúdo gênero textual contos de fadas a partir dos conhecimentos prévios dos alunos;</p> <p>Trabalhar o conto de fadas "João e Maria" através do <i>lapbook</i>, na sala de atendimento educacional especializado para promover a autonomia e criatividade;</p> <p>Estimular a leitura, escrita e o desenvolvimento das habilidades do aluno.</p>
Habilidades da BNCC	(EF69LP49) (EF69LP47)
AÇÕES	
1º Passo:	<p style="text-align: center;">Descrição:</p> <p>Primeiramente, as professoras irão introduzir o conceito de <i>lapbook</i> e sua função educativa. Em seguida, abordaremos o tema dos gêneros textuais, focando especificamente no conto de fadas, elucidando suas características e diferentes tipos. Essa abordagem tem como objetivo consolidar o conhecimento prévio dos alunos, adquirido nas aulas anteriores de língua portuguesa.</p> <p>Durante esta explicação, os alunos serão incentivados a interagir com o <i>lapbook</i>, utilizando as ferramentas disponíveis para enriquecer sua compreensão do conteúdo. O <i>lapbook</i> desempenha um papel fundamental como um "organizador prévio", seguindo a teoria da aprendizagem significativa de David Ausubel. Ele serve como uma estrutura cognitiva que apresenta os principais conceitos e informações de forma visual e conceitual.</p> <p>Ao mostrar o <i>lapbook</i> aos alunos antes de eles criarem o seu próprio, as professoras fornecem não apenas um modelo visual, mas também um guia conceitual para os alunos. Isso ajuda a estabelecer uma base sólida para a compreensão do tema. Após essa explicação, as professoras conduziram a leitura conjunta do conto "João e Maria" na versão adaptada para o jogo <i>Roblox</i>, permitindo que os alunos participem ativamente da experiência de leitura.</p>
2º Passo:	<p>No segundo momento, as professoras entregarão uma cartolina ao aluno, explicarão como dobrar para formar o <i>lapbook</i>, logo em seguida, os alunos poderão escolher imagens, temas e títulos para personalizar o seu <i>lapbook</i>, todo o material necessário estará na mesa à disposição do aluno.</p> <p>Após isso, as professoras conduziram uma explicação sobre as atividades de interpretação relacionadas ao conto "João e Maria". Nesse contexto, a primeira atividade consistirá em recortar e colar, nos espaços adequados, as partes essenciais do conto, como a introdução, o desenvolvimento, o clímax e o desenvolvimento, com o objetivo de desenvolver a compreensão do enredo do conto. Após concluir essa tarefa, os</p>
<p>- Explicar o que é um <i>Lapbook</i>;</p> <p>- Apresentar o <i>Lapbook</i> com o assunto do gênero textual conto de fadas para o aluno e promover a primeira interação dele com o material;</p> <p>-Explicar as características do gênero textual e os tipos de contos presentes no <i>lapbook</i>;</p> <p>- Ler a história junto com o aluno</p>	
<p>- Dar início a elaboração do <i>Lapbook</i>, com o aluno sendo responsável por sua criação.</p> <p>- Explicar as atividades interativas sobre a interpretação do conto;</p> <p>- Auxiliar o aluno na</p>	

	<p>habilidade de interpretação, ajudando os alunos a compreender os elementos essenciais do conto de forma mais profunda.</p> <p>Na última atividade, os alunos serão desafiados a dar continuidade ao conto. Serão estimulados a imaginar e criar uma versão contínua, explorando o que aconteceu com João e Maria após o reencontro com o pai. Essa atividade visa promover a criatividade e a capacidade dos alunos de expandir a narrativa, desenvolvendo suas habilidades de escrita e imaginação.</p>	
<p>3º Passo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Elaboração do mapa conceitual; - Entrevista com a professora do AEE e a professora de Língua Portuguesa. 	<p>No último momento, as professoras explicarão o conceito de mapa conceitual e solicitarão aos alunos que criem um. Elas fornecerão quatro perguntas-chave que servirão como fundamentos para que os alunos desenvolvam seu próprio mapa conceitual, refletindo sobre suas impressões da aula. Ao final, elas entregaram um brinde pela participação dos alunos.</p> <p>Para concluir, será realizada uma entrevista com a professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e a professora de Língua Portuguesa para obter suas opiniões sobre a aplicação do <i>lapbook</i>.</p>	
MATERIAIS UTILIZADOS:		
<ul style="list-style-type: none"> - Cartolina; - Lápis de cor e lápis comum; - Caneta colorida; - Imagens dos personagens; - Imagens de doces, letras diversificadas e artigos de decoração; - Borracha; - Cola; - Tesoura. 		
ATIVIDADE 1:	ATIVIDADE 2:	ATIVIDADES 3:
		
ATIVIDADE 4:	MAPA CONCEITUAL:	
		
APLICAÇÃO NA PRÁTICA		
PLANEJAMENTO	AÇÕES	DATA
Contato com a Escola	Primeira visita na escola a fim de obter a permissão para a execução da pesquisa	08/08/2023
Entrega do ofício na escola	Entrega do documento para a permissão da aplicação na escola.	05/09/2023
Entrevista com a professora de Língua Portuguesa	Realização da entrevista com professora de Língua Portuguesa, a fim de identificar as características dos alunos.	18/09/2023
Entrevista com a professora do AEE	Realização da entrevista com professora do AEE, a fim de identificar as características dos alunos.	21/09/2023
1º dia de aplicação	Aplicação do <i>Lapbook</i> para o aluno A	24/10/2023
2º de aplicação	Aplicação do <i>Lapbook</i> para o aluno B	26/10/2023
Entrevista com a professora de português.	Entrevista final para obtenção de feedback.	26/10/2023
Entrevista com a professora do AEE.	Entrevista final para obtenção de feedback.	26/10/2023

APÊNDICE B – CONTO JOÃO E MARIA ADAPTADO AO JOGO ROBLOX



JOÃO E MARIA MORAVAM NUMA CABANA NA FLORESTA COM O PAI, UM POBRE LENHADOR, E A MADRASTA. JÁ HÁ VÁRIAS SEMANAS, ELES NÃO TINHAM QUASE NADA PARA COMER.



A MADRASTA ARMOU UM PLANO PARA NÃO MORREREM TODOS DE FOME.

— AMANHÃ, DAREMOS UM PEDAÇO DE PÃO A JOÃO E MARIA. DEPOIS, VAMOS DEIXÁ-LOS NA FLORESTA. ELES FICARÃO BEM!

O PLANO ERA CRUEL, MAS O LENHADOR ACABOU SENDO CONVENCIDO.

PORÉM, JOÃO E MARIA ESTAVAM NO QUARTO AO LADO E OUVIRAM TUDO. MARIA CHOROU BAIXINHO DE DESESPERO. JOÃO DISSE A ELA:

— NÃO SE PREOCUPE! VOU PEGAR UMAS PEDRAS PARA MARCAR O CAMINHO DE VOLTA!



A MADRASTA ACORDOU-OS DE MADRUGADA PARA O PASSEIO. DIRIGIRAM-SE À FLORESTA E JOÃO PÓS A SUA IDEIA EM EXECUÇÃO, SOLTANDO AS PEDRINHAS SEM QUE A MADRASTA VISSE. MAS AS PEDRAS SE ACABARAM E JOÃO PASSOU A JOGAR FARELOS DE PÃO PARA MARCAR O CAMINHO.

AO CHEGAREM NUMA CLAREIRA, O PAI DISSE PARA ELAS, TRISTEMENTE:

— ESPEREM AQUI, VAMOS CORTAR LENHA E JÁ VOLTAMOS

JOÃO E MARIA SABIAM DO PLANO, MAS ESPERARAM DURANTE HORAS, COM A ESPERANÇA DE QUE O PAI E A MADRASTA PUDESSEM MUDAR DE IDEIA.



FAMINTOS E CANSADOS, JOÃO E MARIA ESPERARAM TANTO TEMPO QUE ADORMECERAM. QUANDO ACORDARAM, JÁ ERA NOITE DE LUA CHEIA, QUE ILUMINAVA A CLAREIRA. ELES PROCURARAM PELA TRILHA DE FARELOS DE PÃO PARA VOLTAR PARA CASA.

MAS NÃO A ENCONTRARAM, POIS CERTAMENTE OS PÁSSAROS HAVIAM COMIDO AS MIGALHAS DE PÃO E APAGADO A TRILHA.

— E AGORA?, DISSE MARIA, DESESPERADA. — COMO É QUE VAMOS VOLTAR?



ELES CAMINHARAM PELA FLORESTA ATÉ AMANHECER, CANSADOS, CONTINUARAM PROCURANDO O CAMINHO DE CASA O DIA INTEIRO. MAS PARECIA QUE ESTAVAM PERDIDOS. QUANDO ANOITECEU PELA SEGUNDA VEZ, VIRAM UMA LUZ NA FLORESTA E SE APROXIMARAM DELA.

ERA UMA CASINHA MUITO BONITA E TODA FEITA DE DOCES. O TELHADO ERA DE CHOCOLATE; AS PAREDES ERAM DE BOLO DE DIVERSOS SABORES; AS JANELAS, DE CONFEITOS E BALAS DE GOMA; A PORTA, DE BOLACHAS RECHEADAS COM DOCE DE LEITE.

— QUE DELÍCIA!, GRITOU JOÃO E CORREU PARA PEGAR UM PEDAÇO DE CHOCOLATE DO TELHADO, QUE ERA BAIXO.

MARIA ARRANCAVA PORÇÕES DE BOLO DAS PAREDES. OS DOIS TRATARAM DE ENCHER A BARRIGA O QUANTO PODIAM. MAS, DE REPENTE, OUVIRAM UMA VOZ...

— CRIANÇAS, NÃO DESTRUAM A CASA! ESTÃO COM FOME? VOU PREPARAR UMA JANTINHA PARA VOCÊS.

JOÃO E MARIA SE ASSUSTARAM AO VER A VELHA, QUE ERA MUITO FEIA E PARECIA BRAVA E MALVADA, MAS ELES TINHAM FOME E ACEITARAM O CONVITE.



DEPOIS DE COMEREM BASTANTE, JOÃO E MARIA ADORMECERA FELIZES EM CAMINHOS MACIAS QUE A VELHA LHEZ OFERECERU. QUANDO ACORDARAM, NO DIA SEGUINTE, A CASINHA DE DOCES TINHA SE TRANSFORMADO NUM VELHO E EMPOEIRADO CASEBRE, CHEIO DE TEIAS DE ARANHA.

DESCOBRIRAM QUE A VELHA ERA UMA TERRÍVEL BRUXA QUE QUERIA FAZER DELAS O SEU JANTAR. A BRUXA MANDOU MARIA PREPARAR COMIDA PARA O SEU IRMÃO E REPETIU O TEMPO INTEIRO:

— O MENINO PRECISA ENGORRAR PARA IR PARA A PANELA!

A BRUXA PEDIA O DEDO DO GAROTO PARA SENTIR O QUANTO TINHA ENGORDADO, POIS A VISTA ERA FRACA. MARIA DEU UMA IDEIA PARA JOÃO: ESTENDER UM OSSO DE FRANGO NO LUGAR DO SEU DEDO.



DEU CERTOS OS DIAS PASSAVAM E A BRUXA NÃO ENTENDEA COMO JOÃO SÓ SINGRERIA. ENTÃO, ELA DECIDIU QUE O DIA DO JANTAR TINHA CHEGADO. MANDOU MARIA PREPARAR O FOGO PARA ASSAR SEU IRMÃO. MARIA SUPLICOU, MAS DE NADA ADIANTOU. QUANDO O FOGO JÁ ESTAVA ALTO, A BRUXA ORDENOU:

— ENTRE AÍ E VÊ SE A TEMPERATURA ESTÁ BOA PARA ASSAR PÃO.

— MAS EU NÃO SEI COMO ENTRAR NO FORNO, DISSE MARIA.

— TOLHA O LHE. É ASSIM! — E A BRUXA MOSTROU, COLOCANDO A CABEÇA NO FORNO.

MARIA EMPURROU A BRUXA, QUE CAIU DENTRO DO FORNO. EM SEGUNDA, LIBERTOU JOÃO E SE ABRAÇARAM DE FELICIDADE. ANTES DE IRER EMBORA, EXAMINARAM O CASEBRE E DESCOBRIRAM UM SAO COM PEDRAS PRECIOSAS.



FIM.

PEGARAM O QUANTO PUDERAM, MAS DEIXARAM PARTE DO TESOURO PARA OUTRAS PESSOAS NECESSITADAS. QUE POR AÍ PASSASSEM, ENCONTRARIAM A ESTRADA QUE DAVA PARA A CABANA DE SEU PAI. AO CHEGAREM, CORRERAM E ABRAÇARAM O LENHADOR, CHORANDO. ELE CONTOU QUE A MADRASTA HAVIA MORRIDO. JOÃO E MARIA MOSTRARAM AS JOIAS DA BRUXA E CHORARAM DE CONTENTES, POIS JAMÁS PASSARIAM FOME OUTRA VEZ.

REFERÊNCIA: IRMÃOS GRIMM. EDITORA: LE LIVROS.
SITE: LeLivros.site

1. Um conto se organiza em torno de um enredo (Introdução, desenvolvimento, clímax e desfecho). Recorte e cole o conto na ordem correta dos acontecimentos.



Após serem capturados pela bruxa, João e Maria conseguem fugir e reencontram o pai.

João e Maria encontram uma casa de doces e ficam curiosos para conhecer.

João e Maria são irmãos que vivem com seu pai e madrasta. Devido à pobreza e à fome, eles são abandonados na floresta.

João e Maria foram capturados pela bruxa e ficam presos dentro da casa de doces. Entretanto, Maria consegue empurrar a bruxa no forno.



Desenvolvimento

Clímax

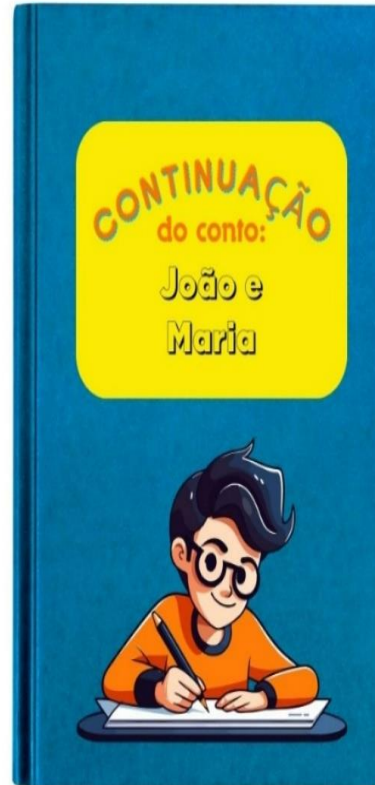
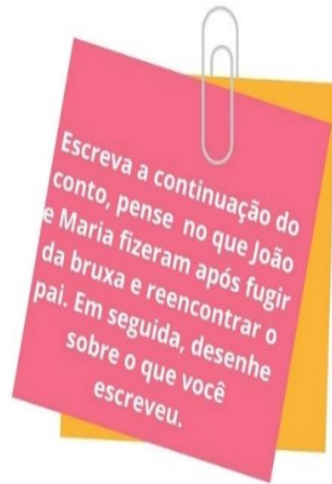
Desfecho

Atividades:





APÊNDICE F – ATIVIDADE 4



APÊNDICE G – MAPA CONCEITUAL

